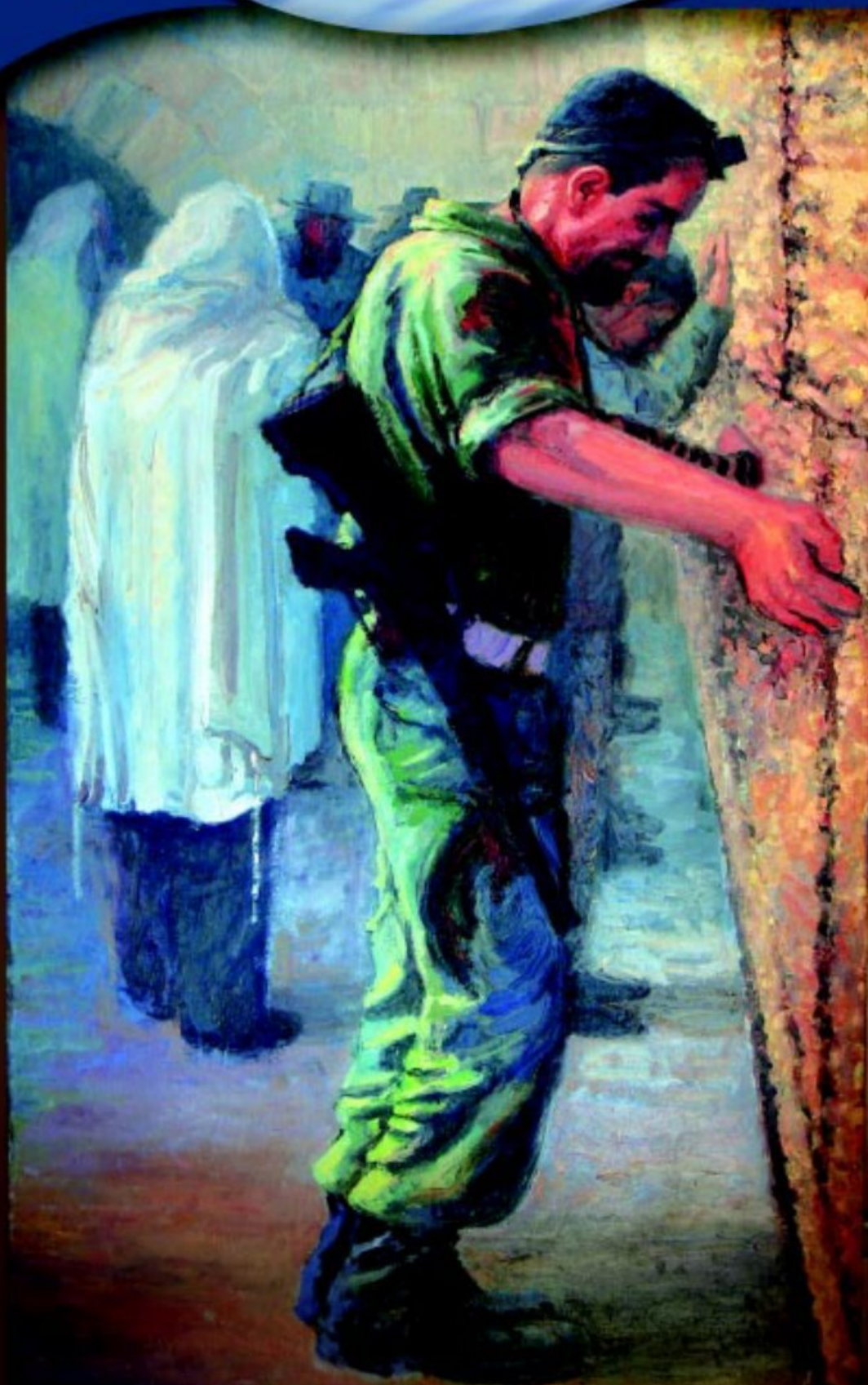


VISÃO JUDAICA

www.visaojudaica.com.br
Preço R\$ 4,50

Nº 48 julho de 2006 Tamuz/Av 5766 B"H



Conflito
Israel tem o
direito de se
defender

Cultura
Conhecendo
mais sobre
o judaísmo

Etnia
Os novos
judeus
africanos

Diante das portas de uma nova guerra

Na última página de seu livro autobiográfico "Minha Vida", de meados da década de 70 do século passado, Golda Meir escreveu — "Aos que perguntam 'E o futuro?' Ainda tenho apenas uma resposta: acredito que teremos paz com os nossos vizinhos, mas estou certa de que ninguém fará paz com um Israel fraco. Se Israel não for forte, não haverá paz". Essas palavras em tom profético prenunciaram a iritação dos israelenses no dia 12 de julho, com a abertura da nova frente de violência, depois que terroristas do Hezbolá, do Líbano, invadiram e bombardearam o norte de Israel, seqüestraram dois soldados de Israel e mataram outros oito. O ataque foi um ato de guerra e visou enfraquecer Israel, que está na Faixa de Gaza para recuperar outro soldado seqüestrado. A região atinge agora o pior nível de violência desde a virada do milênio. Provocada, Israel agora mostra sua força nesta guerra ainda não declarada, mas já em campo de batalha.

Pensando em dar uma chance aos palestinos de construir seu Estado, Israel se retirou de Gaza. Mas o que o Hamas faz? Não concentra todas as suas energias na construção de um país para os seus jovens — uma nação e uma sociedade decentes, com empregos. Em vez disso, dispara centenas de foguetes contra Israel. Os palestinos poderiam ter seu Estado se reconhecessem claramente Israel, normalizassem as relações com o país e renunciassem à violência. Porém os que dirigem hoje a política palestina parecem decididos a destruir Israel em seu território — mesmo que isso signifique destruir a si próprios em seu próprio território.

O mundo, claro, outra vez acusa Israel de defender-se ou de reagir de forma desproporcional, esquecendo que a intensidade da reação é a garantia da sobrevivência. Os hipócritas aconselham diplomacia, esquecendo que não pode haver diálogo com o terrorismo. Enquanto isso,

mísseis Kassam continuam caindo sobre cidades israelenses, jovens cumprindo serviço militar são seqüestrados ou assassinados e cínicos do mundo todo imaginam que "outra vez os judeus irão para as câmaras de gás como cordeiros ao matadouro... Israel é a garantia de que isso nunca mais ocorrerá". A frase é da jornalista Dori Lustron, uma argentina radicada em Israel que se dedica à questão do Oriente Médio. Leia seu artigo "Nem militantes, nem pobrezinhos: terroristas", publicada nesta edição.

Para certos indivíduos e "instituições", como o difamador jornalístico "Hora do Povo", o PC do B, o PSTU e outros tão insignificantes saudosistas do stalinismo, os judeus, não têm direito a nada. Provavelmente, pensam que os judeus são ETs que vieram de algum distante planeta da galáxia, pois na Terra não há lugar para eles. Uma similitude do discurso nazista tão comum hoje em dia entre os "es-

querdizóides" e os "esquerdizofrênicos". Não, não é uma paranóia o que nos aflige. É a realidade. Cinco mil anos de história afiançam isso. Vomita-se a biles do ódio em notas e mais notas para demonstrar a "culpabilidade" de Israel... Para isso, outra jornalista, Pilar Rahola, tem uma resposta. Leia-a no artigo "A Culpa de Israel", também desta edição.

O Hamas, que tem em seu programa o compromisso de jamais reconhecer o estado judeu, e de se empenhar em destruí-lo, promete atacar dentro de Israel novamente. As operações israelenses, em andamento não tem prazo para terminar. Mas o mais espantoso — e vergonhoso — é que milhares de pessoas continuam perecendo em Darfur, milhões continuam sofrendo opressão em diversas partes do mundo, e a nova Comissão de Direitos Humanos da ONU em sua primeira sessão condena Israel por supostas "violações dos direitos humanos"! Às portas da guerra parecem ter sido abertas.

A Redação

expediente

VISÃO JUDAICA

Publicação mensal independente da
EMPRESA JORNALÍSTICA VISÃO
JUDAICA LTDA.

Redação, Administração e Publicidade
visaojudaica@visaojudaica.com.br
Curitiba • PR • Brasil

Fone/fax: 55 41 3018-8018

Dir. de Operações e Marketing
SHEILLA FIGLARZ

Dir. Administrativa e Financeira
HANA KLEINER

Diretor de Redação
SZYJA B. LORBER

Publicidade
DEBORAH FIGLARZ

Arte e Diagramação
SONIA OLESKOVICZ

Webmaster
RAFFAEL FIGLARZ

Colaboram nesta edição:

Antonio Carlos Coelho, Aristide Brodeschi, Berel Wein, Breno Lerner, Daniel Pipes, Dori Lustron, Edda Bergmann, Edouard Ytzhak, Elias L. Benarroch, Gustavo D. Perednik, Itamar Eichner, Jane Bichmacher de Glasman, José Roitberg, Moisés Bronfman, Pilar Rahola, Reginaldo De Souza, Sérgio Feldman, Sonia Bloomfield Ramagem, Tzadok Yejezekeli e Yossi Groisseign

O jornal Visão Judaica não tem responsabilidade sobre o conteúdo dos artigos, notas, opiniões ou comentários publicados, sejam de terceiros (mencionando a fonte) ou próprias e assinadas pelos autores. O fato de publicá-los não indica que o VJ esteja de acordo com alguns dos conceitos ou dos temas.

www.visaojudaica.com.br

Nossa capa

A capa reproduz a obra de arte cujo título é "Muro das Lamentações", elaborada com a técnica óleo sobre tela com dimensões de 106 X 61 cm, criação de Aristide Brodeschi. O autor nasceu em Bucareste, Romênia, é arquiteto e artista plástico, e vive em Curitiba desde 1978. Já desenvolveu trabalhos em várias técnicas, dentre elas pintura, gravura e tapeçaria. Recebeu premiações por seus trabalhos no Brasil e nos EUA. Suas obras estão espalhadas por vários países e tem no judaísmo, uma das principais fontes de inspiração. É o autor das capas do jornal Visão Judaica. (Para conhecer mais sobre ele, visite o site www.brodeschi.com.br).

Datas importantes

22 de julho	Shabat Mevarechim
26 de julho	Rosh Chodesh
29 de julho	Shabat Chazon
2 de agosto	Início do Jejum de 9 de Av (17h44)
3 de agosto	Fim do Jejum de 9 de Av (18h08)
5 de agosto	Shabat Nachmu
9 de agosto	Tu Beav
12 de agosto	Shabat

Acendimento das velas em Curitiba julho/agosto 2006

Véspera de Shabat

DATA	HORA
21/7	17h26
28/7	17h30
4/8	17h33
11/8	17h36
18/8	17h39

Humor Judaico

A esposa

Jacob tinha acabado de ler o livro "O Homem da Casa" e se dirigiu para a cozinha, indo direto até sua esposa, a Sara. Colocou o dedo no nariz dela e disse:

— Daqui em diante eu quero que você saiba que eu sou o homem da casa e minha palavra é lei. Quero que me prepares um jantar de gourmet e, quando eu tiver terminado de comer, me sirva uma sobremesa divina. Então,

depois do jantar, quero que me prepares meu banho para que eu possa relaxar.

E, prosseguindo disse:

— Quando eu terminar meu banho, adivinhe quem vai me vestir e pentear meus cabelos?

Sara respondeu:

— A Chevrá Kadisha... (instituição religiosa judaica que, entre outras coisas, cuida dos sepultamentos).



O zíper quebrou...
O botão caiu...
A barra descosturou...

E AGORA?

CONERTO
express

ARRUMA EM
UM INSTANTE

Rua Presidente Tanay, 314
Batel - 80.420-150 - Curitiba - PR
Fone: (41) 3224-7488

Entre heréticos e dogmáticos (III)

O profetismo hebraico:
uma análise heterodoxa

Sérgio Feldman *

Quem sabe determinar qual é o melhor caminho? Quem pode saber qual é a verdade?

Esta é uma questão recorrente na nossa história. Por vezes, os dissidentes e os opositores são denegridos e discriminados. São considerados traidores e inimigos do Estado: a maioria os condena, o poder constituído os persegue e castiga, e eles sofrem por suas idéias e escolhas. Assim foi com uma parte importante de nossos profetas.

Há quem possa achar que estou sendo desrespeitoso com os profetas. Seria uma ótica, no mínimo precipitada e superficial. A sua grandeza foi justamente se opor à opinião da maioria e criticar certas “verdades aceitas” ou atitudes consideradas adequadas.

Vejamos um exemplo. O pastor de Tecoa: Amós. Um humilde pastor e criador de sicômoros, nas suas palavras (Amós, c. 7, v. 14). Sob o impacto da Revelação divina, saiu do deserto da Judéia (*Midbar Iehudá*), de sua aldeia e de seu rebanho. Rumou para a cidade fronteiriça de Bet El, localizada ao sul do reino de Israel. Amós era do reino de Judá, portanto um estrangeiro, no sentido político. D-us lhe ordenara dirigir-se para Bet El e criticar a desobediência ao Pacto: a idolatria de Baal, a falta de justiça social e de ajuda ao próximo pela população das classes abastadas. Suas palavras foram duras e críticas: previu a queda e a destruição dos reinos vizinhos (Amós, c. 1-2). Isso até que podia ser tolerado: eram inimigos dos reinos de Israel e de Judá. Na sequência adverte sobre o fim próximo do reino de Israel: tratava-se de um crime de lesa majestade (Amós, c. 3). Conspiração contra a monarquia e contra o reino. Na sequência, é advertido pelo sacerdote Amazias sobre sua postura de traidor: repete e aclara que “[...] Jeroboão morrerá à espada, e Israel será levado fora de sua terra em cativeiro” (Amós, c. 7, v. 10). Ou seja, o rei morreria (fato que não se consumou) e a população seria levada ao cativeiro, fato que se consumou algumas décadas depois com a invasão assíria e a destruição do reino de Israel em 722 a.e.c.

Amós era dotado de um verbo ardoroso e uma retórica agressiva. Chamou as ricas mulheres de Samária que não se importavam com a miséria de seus concidadãos e faziam

banquetes, indiferentes à fome e à pobreza social, de “vacas gordas de Basã” (Amós, cap. 4, v. 1). Avisou a classe política e administrativa de que seus crimes “sociais” não seriam perdoados: seriam arrastados através das “brechas das muralhas” espetados em anzóis, como se fossem animais abatidos pela ira divina. Um inimigo do Estado: previa a invasão assíria e a destruição do reino, suas instituições e a derrocada da classe dominante. A Assíria serviria como instrumento da ira divina. D-us agia na História e através desta, na concepção dos profetas em geral e de Amós em particular.

E acertou em suas previsões. Amós foi instado a retornar a sua terra de origem (Judá) e abandonar suas críticas públicas à monarquia e ao reino de Israel. Deve ter obedecido: senão teria sido executado como traidor.

Óbvio que há dúvidas sobre a redação do texto: pode haver anacronismos, entre narrativa e fato. Isso não invalida a força de sua retórica e a acerba crítica do poder e do Estado que não atua em prol do bem estar coletivo. A quantos políticos deste ou de outros governos, serviria a carapuça? Nas palavras de Amós poderíamos ver críticas aos políticos de todos os partidos e de todas as ideologias, ontem, hoje e infelizmente amanhã. Não se pode perder a dimensão universal do problema e enxergá-lo apenas num contexto presente ou de remoto passado.

Outro profeta exemplar foi Isaías. Podem ter existido dois ou mais Isaías de acordo a crítica bíblica. Vamos nos abster de discutir esta análise, não por não concordarmos com ela, mas por não ser pertinente, aos nossos propósitos de análise. Isaías ao que tudo indica era parente da casa real. Por isso, não foi importunado e nem perseguido de acordo ao texto bíblico. Suas profecias sobre o tempo messiânico encantam a todos os leitores. Descrições do encontro de animais predadores e animais pacíficos no fim dos tempos, sob um clima de paz e harmonia, são preciosos textos que emanam fé na harmonia e na paz que ocorreria no Milênio: “E morará o lobo com o cordeiro [...]” (Isaías, c.11, v. 6). O fim das guerras é exaltado na belíssima frase: “[...] não levantará espada, nação contra nação e não aprenderão mais a guerra” (Isaías, c.2, v. 4).

Isaías não se resume a estas frases proféticas universais e que au-

guram um futuro promissor. Critica a todos os desvios do Pacto: idolatria, injustiça social, violência da classe dominante e do Estado contra as massas pauperizadas, a questão fundiária e muitos outros temas. Ameaça e adverte para o castigo divino: haverá destruição e exílio. O reino de Judá seria destruído e a sua população seria levada ao exílio. Altera sua atitude diante da prepotência do general assírio Rabsaque, que ironiza sobre o poder do D-us dos hebreus, que não seria tão forte ao ponto de impedir que a cidade de Jerusalém sobrevivesse ao cerco. Isso significava que o deus assírio poderia se impor e prevalecer. Isaías, fala então em nome de D-us, ordena a defesa da cidade e a não rendição ao blasfemo comandante. Um anjo de D-us (peste) se abate sobre o campo assírio e a mortandade se espalha entre as hostes do invasor: os assírios batem em retirada deixando a cidade intacta. Isaías ainda assim adverte que a destruição e o exílio se consumariam: ou seja, apesar de ter intermediado a salvação diante do exército assírio, o castigo viria na sequência. Sendo assim, Isaías seria um severo crítico e um “inimigo do Estado”, mesmo tendo auxiliado na defesa dele num contexto específico.

O terceiro profeta é Jeremias. Um ser humano notável, repleto de conflitos existenciais e questionamentos da razão de ser de tudo. Percebe a iminência da destruição e sofre: sofre pelo destino da cidade que ama; do Templo onde se cultuava D-us; do povo que teima em idolatrar e não agir com respeito pelo sofrimento dos fracos e dos oprimidos.

A Babilônia seria desta vez o instrumento da ira divina. Consumaria o castigo, executaria a terrível pena que se decretara, já pelas palavras de Isaías e de Miquéias, entre outros. Jeremias foi visto e tratado como um inimigo do Estado: atentados contra sua integridade física foram perpetrados. Quase morreu em alguns deles. Sobreviveu ao que parece, mas deve ter sofrido muito com a destruição de Jerusalém, do Templo e a severa pena infligida a população: o Exílio da Babilônia. Trouxe de consolar o povo nas suas Lamentações. Previu o retorno e a reconstrução do Templo. Mas sofreu duplamente: com a cegueira de seus contemporâneos e com a sina que lhes foi atribuída em vista desta cegueira. Os atentados à sua vida não o mataram. Mas criaram uma profunda angústia, pois sofria por falar algo que as pessoas não queriam ouvir, mas que seria fatal ao destino deles como indivíduos e como povo.

Os nossos dissidentes entraram para a história judaica e para a cultura universal. Críticos e argutos, visionários e profundos analistas das contradições de seu mundo. Ousaram ver e dizer o que ninguém queria ou ousava dizer. Sofreram por isso. Ainda hoje são condenados os que ousam ser críticos e visionários. Ainda hoje se exorcizam as diferenças e a diversidade cultural, étnica e ideológica. Deveríamos ler melhor os nossos profetas: não para pregar a pseudomoralidade e o conservadorismo, mas a crença em um mundo mais tolerante, justo e pacífico, de acordo com a essência das idéias e ideais proféticos.

* Sérgio Feldman é doutor em História pela UFPR e professor de História Antiga e Medieval na Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, e ex-professor adjunto de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

CIBRACO
IMÓVEIS

BONS NEGÓCIOS EM TODOS OS SENTIDOS

Rua Ébano Pereira, 266 - (41) 3232-2032 - www.cibraco.com.br

Pilar Rahola e Simone Veil recebem o prêmio "Menorá de Ouro" na França

Pela quarto ano consecutivo foi entregue em Cannes, na França, o apreciado galardão destinado premiar mulheres e homens que em áreas distintas brindaram a humanidade com seu compromisso pessoal defendendo os valores universais, éticos, morais e ou religiosos.

A jornalista Pilar Rahola mostrou-se orgulhosa em receber o prêmio anual entregue pela B'nai B'rith francesa, filial Moshe Dayan. A conhecida jornalista e ex-prefeita de Barcelona recebeu do Príncipe do Mônaco a escultura elaborada pelo artista Sosno no Hôtel Noga Croisette. Também receberam o prêmio Simone Veil, Michèle Laroque, Jean-François Deniau, Morad El-Hattab, David Kayat e Yehouda Lancry.

Simone Veil, de descendência judaica, é uma conhecida política francesa, (foi a primeira mulher a presidir o Parlamento Europeu 1979-1982), ex-ministra da Saúde, depois ministra dos Assuntos Sociais e das Cidades, presidente da Fundação para a Memória da Shoah e desde 1998 integra o Conselho Constitucional da França.

A distinção acontece desde 2003. Até o momento foram laureados o Prêmio Nobel de Física Claude Cohen-Tannoudji, o diretor da orquestra Misha Katz, e Rainier III do Mônaco, entre outros.

O discurso de Pilar Rahola foi o seguinte, durante a entrega do prêmio:

"Autoridades, amigos, boa noite.

Acharás um candelabro de puro ouro, lavrado pelo martelo... Seu pé, seu tronco, suas copas e suas flores virão de si próprios... e seis braços sairão de seus lados'. Com estas palavras bíblicas, a Torá nos anuncia a criação da primeira Menorá da história.

Mais de cinco mil anos depois, o simbolismo espiritual e cívico que a inspirou, nos acompanha neste ato solene. Que a B'nai B'rith, uma das organizações judaicas mais antigas do mundo, responsável pela criação de hospitais, escolas e todo o tipo de atos solidários, nos entregue hoje o símbolo mais antigo da identidade judaica, representa um belo círculo harmônico e justo.

A Menorá, que nos mostra o caminho para sermos pessoas melhores, em mãos de uma organização que faz deste, um mundo melhor. Receber este prêmio é uma imensa honra, emotiva e sem dúvida excessiva. Aceito-a como uma séria responsabilidade.

Somos cidadãos de um mundo difícil e contraditório, onde muitos ventos de intolerância sopram para apagar as velas da vida. Neste mundo de ódios e preconceitos, submetido a ideologias bárbaras que usam o nome de Deus para arrastá-lo entre a morte, nós, intelectuais, os políticos, os jornalistas temos uma obrigação moral com a vida, não podemos olhar para o outro lado, não podemos minimizar o terrorismo ou mostrar indiferença, sem sermos cúmplices de sua maldade.

Lembrem que o silêncio dos bons é pior que a maldade dos maus.

A defesa da liberdade exige compromissos morais e este prêmio, pessoalmente, me lembra o meu compromisso com a minha geração, com o meu tempo, o tempo que me cabe viver. Somos herdeiros daqueles que lutaram contra o nazismo e todas as formas de totalitarismo, e temos a obrigação de assumir esta herança com dignidade. Obrigado por lembrar-me da luz da Menorá, obrigado por me iluminarem o caminho. Shalom".

VJ INDICA

LIVRO

OPA - Sur les juifs de France

Enquête sur un exodo programmé 2000-2005

Cécilia Gabizon & Johan Weisz

Ed. Grasset, 265 pp

Reginaldo De Souza *

"Proponho a todos os judeus vir para Israel, especialmente os da França que devem decidir o mais rápido possível". Ariel Sharon - 19 de julho de 2004.

A declaração do premiê Sharon pegou de surpresa o Quai d'Orsay fazendo tremar as relações franco-israelenses e provocando mal-estar, devido à publicidade, entre as autoridades comunitárias da França no alvorecer do novo século. A Agência Judaica — braço direito do sionismo, vinha sigilosamente implementando um plano para convencer grande parte da comunidade francesa a imigrar para Israel, tendo em vista a insegurança provocada por mais uma onda de anti-semitismo, que levou o Grão-Rabino Sitruk em pronunciamento na Rádio Shalom, a apelar aos judeus franceses para que, por medida de segurança, substituíssem o solidário por um bonê nas vias públicas, e à total islamização da Europa — que os iconoclastas denominam de Eurábia. "Uma parte do nosso trabalho para combater o anti-semitismo consiste em tornar o povo judeu consciente do anti-semitismo que o cerca", relata Tzipi Livni, então ministra da Integração e Justiça israelenses, desenhando a estrutura ideológica da operação iniciada em 2004, no sentido de convencer os judeus franceses a viverem em Israel, o que conseguem em parte, com 2.415 dos trinta mil previstos numa primeira etapa.

A Operação Sarcelles como ficou conhecida, porque teria início na cidadezinha ao norte de Paris com 58 mil habitantes, 15% dos quais sefaradís oriundos das ex-colônias no Magreb, imigrados nos anos 60, começou num domingo de abril de 2004 quando um carro, conduzindo cinco importantes personagens de considerável influência e devotados à união dos judeus em Israel, rumava para Sarcelles: Pierre Besnainou, rico empreendedor francês nascido em Tunis, em 1955 e desde os 18 anos em Paris; Menahem Gourary, na época diretor da Agência Judaica na Europa e seu secretário Olivier Rafowicz; Zeev Bielski do Likud, partido de direita então no poder em Israel e a poderosa Carole Salomon, do comitê de direção da Agência nos Estados Unidos.

Sarcelles foi um lugar de coexistência pacífica entre os judeus chegados primeiro, seguidos pelos muçulmanos do Norte da África nos anos 60 até o fim dos anos 70, quando "não se era judeu ou muçulmano, mas antes de tudo eram argelinos e tunisianos ligados por um passado comum". A situação co-

meçou a mudar na década de 80 até por causa da maior dificuldade de adaptação dos muçulmanos, piorando significativamente logo após começar a segunda Intifada — narra o livro que o pivô teriam sido as imagens tendenciosas montadas pela Agência France Presse, porta-voz do Quai d'Orsay. Quem não se lembra da criança palestina morta nos braços do pai em 30 de setembro de 2000 na frente das câmeras e divulgadas em escala global?

A opinião pública internacional reagiu exigindo a apuração dos fatos e o jornalista Clément Weil-Raynal empenhou-se no impossível exame crítico de todos os despachos da AFP, descobrindo que tudo não passara de uma farsa. O estrago já estava feito e a Intifada II espalhava o pânico em Israel, o anti-semitismo latente do francês mais uma vez vinha à tona — nunca é demais lembrar que os fundamentos de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa de 27/10/1791 para o judeu foram diferentes: "é necessário recusar tudo aos judeus como nação; e tudo conceder como indivíduos" — Conde de Clermont-Tonnerre, em 1790."

A Agência Judaica no início de 2004 tinha planejado em sigilo a partida de cerca de trinta mil judeus, entre eles, todos os de Sarcelles, comunidade sefaradita tradicionalmente muito próxima de Israel, que estava demasiadamente exposta ao fogo anti-semita. Assim começou a Operação Sarcelles, com os delegados israelenses fazendo o porta-a-porta. Mesmo assim, a notícia se espalhou. Os altos responsáveis das comunidades ao tomarem conhecimento do plano apóiam e recomendam a partida, o mesmo acontece com os intelectuais da extrema esquerda que fazem causa comum com a extrema direita para fustigar a França "anti-semita e pró-árabe".

Os dirigentes da Agência jogam uma batalha decisiva: precisam da imigração para continuar sendo um Estado democrático de maioria judaica. Em 1960 os judeus representavam 89% da população decaindo em 2005 para 81%, incluindo-se os não-judeus integrados segundo a Lei do Retorno, que permite a todos que tenham um antepassado judeu e seus cônjuges de se tornarem israelense. Sem esses o percentual cai ainda mais, para 77%.

Os árabes israelenses constituem cerca de 20% da população do Estado, mas representam 28% na faixa etária dos 0-14 anos, e em 2020 esses números crescerão para 23% no primeiro caso e



30% com menos de 15 anos. A taxa de natalidade das mulheres árabes israelenses é de 4,5 filhos contra 2,6 para as judias, de acordo com pesquisas do professor Sergio Della Pergola, da Universidade Hebraica de Jerusalém — o que é compreensível dada as diferenças culturais existentes entre eles.

Para chamar atenção do ishuv francês a Agência lançou nova ofensiva em 2005 ao contratar, pela primeira vez a IBM Business Consulting, para fazer um estudo detalhado no mercado americano "Alyah by choice, an introduction to the North American marketing strategy", reunindo o sionismo e as técnicas modernas de marketing que para alguns é desconcertante: os candidatos à aliã se tornam "clientes" aos quais é necessário conquistar e seduzir... Porém, mais desconcertante ainda, é a afirmação dos autores de que, envolvida que está no pensar o Estado de Israel e a aliã dos judeus da Diáspora em sociedades onde é forte o anti-semitismo, a Agência Judaica reconhece, e precisa também que parte dessa Diáspora continue em seus países de origem como uma forma de minimizar os constantes ataques a Eretz Israel.

Um fato é real, se a operação aliã não teve, ainda, o sucesso esperado pela Agência, serviu de alavanca para que grandes investimentos fossem feitos em Israel por milhares de judeus franceses desde 2002. Só no mercado imobiliário chegou a um total de 807 milhões de dólares, a maior parte procedente da França que representa também, cerca de 40% dos clientes estrangeiros do banco Psagot-Ofek Investment House. Hoje é comum os judeus franceses terem seus imóveis em Israel.

O livro, que chegou às livrarias francesas em 26 de abril, está provocando os maiores debates na mídia — metade contra, metade a favor — é fruto de um trabalho de pesquisa de três anos, cujos dados foram coletados até janeiro deste ano, por Cécilia Gabizon, jornalista do Le Figaro e Johan Weisz da Rádio Shalom, dentro da comunidade judaica, na França, em Israel, nas sinagogas e no meio intelectual, e levou "à descoberta" de uma operação fora do comum. Sua leitura nos faz lembrar o jornalismo investigativo de "Le Siècle d'Israel" (ed. Fayard) e "Ils ont tué Rabin" (ed. Robert Laffont), ambos de Jacques Derogy & Hesi Carmel.

* Reginaldo De Souza é jornalista, tradutor, agente literário e correspondente no Brasil do Centro Cultural Maestrale de Sestri Levante — Gênova.

Conselhos da Cosa Nostra

Gustavo D. Perednik *

Quando vi que entravam Salvatore Riina e seus sequazes, senti medo e repulsão. Os cabeças dos clãs Mancuso, Corleone e Sernitella aconselhavam em Palermo como se deve enfrentar o crime organizado, e os debates exibidos na TV da Sicília eram assistidos por delegados da ONU, Europa, China, EUA, etc. Era somente um pesadelo meu? Pois sim, e quando o suor me despertou, dei-me conta do que o havia provocado. Entre 5 e 7 de fevereiro, teve lugar na capital saudita uma Conferência Internacional de Contraterrorismo, convocada pela casta mais poderosa, corrupta e terrorista: os Saud.

Ibn Saud foi coroado em 1926, e seis anos depois passou a ser rei da Arábia Saudita, de seus haréns e palácios, petróleo e redes de comunicação; imperador da maior concentração de ouro negro, dono da quarta parte do petróleo do planeta, de um dos regimes mais vergonhosos do planeta: escravista, repressor e misógino. Um que nunca é criticado pela imprensa ou pelas agências de notícias.

Na Arábia Saudita não se fingem eleições livres, como no Irã ou Síria, já que nem sequer há eleições simuladas (os recentes comícios municipais não passam de outro exercício machista feudal), nem Parlamentos fictícios, nem pretensão de direitos humanos. Todo direito dos habitantes é uma graciosa concessão da família real, já que a Arábia Saudita é, mais que um Estado, uma estrutura tribal pré-medieval.

Abdulah, cabeça desta pérola, príncipe e rei de fato, abriu a confabulação com a proposta de criar um centro internacional de antiterrorismo, através do qual seria compartilhada informação sobre lavagem de dinheiro e contrabando de armas e drogas. As agências internacionais de notícias, os meios, os diários informaram sobre o congresso e a idéia, mas não se atreveram a assinalar sua grotesca localização.

Sim, é verdade: desde que a Al Qaeda atacou três áreas de mansões na cidade anfitriã (maio de 2003) os sauditas desejam desembaraçar-se da doença do terrorismo (só do terrorismo anti-saudita, explique-se). Até essa data, entretanto, foram eles próprios os principais financiadores e ideólogos do terror nos cinco continentes, e em boa medi-

da, continuam sendo. Quinze dos dezenove perpetradores do 11 de Setembro eram sauditas, assim como a associação "de beneficência" Al Haramain, cujas sedes em dez países foram fechadas por seu apoio ao Al Qaeda, e ainda em 16 de abril de 2004 tentou assassinar o presidente de Israel durante uma visita deste a Budapeste.

As raízes do terror estão ali. Dore Gold as rastreia até sua doutrina seminal no "Reino do ódio" (2003), livro que explica tanto o modo de expansão do terror saudita como suas origens no wahabismo.

Hoje há cerca de oito milhões de wahabitas; moram na Arábia Saudita, onde constituem quase 40 por cento da população. O wahabismo vê no Islã uma religião que deve ser imposta pela força em todo o mundo. Uma e outra nasceram nesse país: o primeiro há três séculos e a segunda há catorze.

Os sauditas exportam o wahabismo por meio do envio de imãs aditos, o financiamento de colégios em cem países – onde se recrutam milhares de jovens – e a construção de milhares de mesquitas, de Buenos Aires a Andaluzia. O dinheiro ilimitado provém das vendas do petróleo, cuja alta de preço em 1973 foi a que precisamente permitiu uma acumulação faustuosa que vem canalizando a radicalização do Islã durante as três últimas décadas.

Só na Espanha, e nos últimos três anos, uma vintena de mesquitas foram ocupadas por imãs desta espécie. Os sauditas têm recrutado e protegido toda seita islamista do século XX, desde os cabeças das gerações anteriores – como Mohamed Rida, Hassann al Banna e Abu al Ala Maududi – até figuras contemporâneas como Abdulah Azzam e Muhamad Qutb. Mas o debate sobre os métodos para fazer frente ao terrorismo... teve lugar nesse país.

Uma ausência reveladora

A delegada norte-americana, Francis Townsend, elogiou a iniciativa: provavelmente esqueceu que as mulheres não têm na Arábia Saudita nem direito de dirigir automóveis.

O príncipe Saud al Faissal, ministro das Relações Exteriores do feudo, explicou que a conferência não tinha como objetivo melhorar a imagem saudita. Não é para menos: sua casta continua tendo uma imagem impecável na opinião pública euro-

péia, e seus meios de difusão raramente criticam as torturas, as execuções públicas, ou a proibição de toda religião e idéia política.

Quando os príncipes sauditas visitam seus palácios em Marbella (Espanha) são recebidos calorosamente, já que seu poder acumulado garante o medo e o silêncio frente aos seus atropelos.

Nenhum participante da conferência advertiu que a maior vítima do terrorismo durante meio século não tinha sido convidada. É que o ingresso de judeus é proibido na Arábia Saudita, logo Israel não tinha lugar. Nenhum delegado protestou pela exclusão do país hebreu (um versículo bíblico prenunciara esta reiterada circunstância, em palavras de um mago ao serviço dos moabitas que, ao contemplar o povo hebreu, exclamou: "Eis aqui um povo que vive só e não será considerado entre os demais").

Por outro lado, sim foram convidados a se pronunciar sobre o flagelo do terrorismo o Hezbolá e os bandos extremistas palestinos, representados em Riad pelos dois regimes que os abrigam, treinam e financiam: Irã e Síria, cujos delegados brilharam questionando toda definição de terrorismo que não se circunscrevesse a "é Israel". O Irã é acusado de ser o responsável pelos atentados contra a embaixada de Israel em Buenos Aires (1992) e contra a Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), dois anos depois.

No meu pesadelo o exemplo se expandia. A Ku Klux Klan organizava no Tennessee um congresso para combater o racismo, enquanto um grupo de pedófilos recomendava como custodiar escolas.

Paralelamente, na vida real foram realizados dois congressos sugestivos. Um em Barcelona, entre 11 e 14 de novembro de 2004, onde uma agência da ONU instou a um debate sobre "Islamofobia, cristianofobia e anti-semitismo". Como mesmo já no título negavam a existência do ódio anti-judaico, o congresso, como era de se esperar, se reduziu a um festival mais de antiisraelismo, no qual até o delegado de sobrenome judeu, Michael Warszawski (um dos quinze especialistas convidados) propôs destruir Israel.

O segundo evento foi na Universidade de Columbia em 31 de janeiro, patrocinado pelo grupo Qanun de estudantes árabes e pela faculdade de Assuntos Públicos. O painel sobre "alternativas para a paz no Oriente Médio" ocorreu de forma para que dois dos três especialistas em paz, Rashid Khalidi e Joseph Massad, competissem em insultos contra "o judeu dos países" (que Israel é racista, pratica o *apartheid*, etc.), até um expositor israelense somou-se à competição comparando Israel com os nazistas. Esta vez era Ilan Pappé, da Universidade de Haifa, a quem os meios de comunicação costumam utilizar obsessivamente para mostrar que "até os próprios judeus desejam apagar Israel do mapa".

Não cheguei a discernir se esse par de atividades se instalou no meu pesadelo, ou são outra faceta terrível da realidade.



Gustavo D. Perednik

* Gustavo D. Perednik é autor entre outras obras, de "La Judeofobia" (Flor del Viento) e "España descarrilada" (Inédita Ediciones).

Raffael Figlarz
Web e Design

IDENTIDADE CORPORATIVA

IMPRESSOS

CDs

(41) 8401-3707 - rfiglarz@terra.com.br - Curitiba - PR

Bandeira de Israel na Copa é ofensiva?

José Roitberg *

Gana pede desculpas pela bandeira de Israel...

Foi estranho e pegou o mundo de surpresa quando John Paintsil,

jogador da defesa da seleção de Gana comemorou o gol e depois a vitória com uma bandeira de Israel que trazia dentro do calção. Ficou algo de estranho no ar...

Dia 19/6 a agência Reuters divulgou a seguinte matéria, misturada com nota oficial:

(sic) WUERZBURG, Alemanha, Junho 19 (Reuters) - A Ghanaian Football Association se desculpou na segunda-

feira, depois de um de seus jogadores usar uma bandeira de Israel para celebrar sua vitória de 2-0 contra a República Tcheca na Copa do Mundo.

O porta-voz do time Randy Abbey, disse que é importante demonstrar que a Ghanaian Football Association não está tentando tomar posição no conflito entre israelenses e palestinos.

O jogador da defesa John Paintsil é muito popular em Israel onde joga pelo Hapoel Tel Aviv e quis fazer uma homenagem aos fãs israelenses que viajaram para a Alemanha em seu apoio, disse Abbey.

"Ele obviamente não estava avisado das implicações do que ele fez. Ele não percebe política internacional. Nós nos desculpamos a qualquer um que tenha sido ofendido e prometemos que isso não vai acontecer novamente".

"Ele não agiu de forma maliciosa pelo povo árabe ou em apoio a Israel. Ele agiu ingenuamente... nós não precisamos puni-lo".

Paintsil celebrou os dois gols de Gana no sábado (17/6) pegando uma pequena bandeira de Israel e agitando-a sobre a sua cabeça. Abbey disse que nem a Ghanaian FA ou Gana, como um país possuem um posição

política forte no assunto e disse que estavam lá apenas para a Copa do Mundo.

"Nós não estamos apoiando ou sendo contra Israel ou as nações árabes. Nós estamos aqui para jogar futebol, não estamos aqui para fazer política".

O porta-voz da Fifa disse que para a entidade não houve problema com a comemoração e o ministro dos Esportes de Israel, Ofir Pines-Paz foi citado como tendo elogiado Paintsil pela sua atitude dizendo que Gana ganhou muitos fãs israelenses. [Fim da nota da Reuters].

Está muito claro que a política islâmica e da esquerda radical da inversão de valores está cada vez mais se consolidando. Se ficamos surpresos e até achamos que o gesto de Paintsil significava uma demonstração da convivência pacífica, a política de Gana se encarregou de nos trazer para a realidade onde os valores são invertidos.

Uma bandeira de Israel, um país em gozo de todos os seus direitos, exibida na Copa é ofensiva.

A seleção do Irã, um país em gozo

de todos os seus direitos, mas que publicamente prega que outro país seja varrido do mapa, não é ofensiva.

Um atleta iraniano se recusando a lutar contra um israelense na Olimpíada. É correto?

Delegação palestina sendo representada como país no Comitê Olímpico Internacional, desfilando com sua bandeira é o correto enquanto a de Taiwan que é um país, foi proibida de usar sua bandeira. Gana tem um pé no Brasil e vice-versa. Um número não definido de escravos africanos no Brasil vieram de Gana e após a libertação geral, um número também não definido voltou para lá fomando a comunidade "Tabom" na capital, Acra. "Tabom" é uma alegoria óbvia em português de "está bom termos voltado"... Curioso.

Segundo fontes oficiais islâmicas na internet a composição religiosa de Gana, fundamental para não incorrerem em nenhum erro de uma relação entre judaísmo e islamismo nessa questão é: crenças locais 38%, muçulmanos 30%, cristãos 24%, outros 8%.

* José Roitberg é jornalista, editor do Mídia Judaica Independente (<http://www.midiajudaica.blogspot.com>).

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

SITES DE VIS@O

Endereço Por: Ted Feder

Julho é mês de férias e quem sabe seus planos de viagem incluem Israel. Aqui estão alguns websites que podem ajudar você a aproveitar a visita.

[Http://www.turisrael.com/pusrsp/usr04.htm](http://www.turisrael.com/pusrsp/usr04.htm)

Site do Escritório Israelense de Turismo com informações em português e links interessantes.

[Http://www.goisrael.com/](http://www.goisrael.com/)

Site do Ministério de Turismo de Israel.

[Http://www.index.co.il/tourism/](http://www.index.co.il/tourism/)

Tudo que você quer saber sobre turismo em Israel.

[Http://www.gemsinisrael.com/about.html](http://www.gemsinisrael.com/about.html)

Excelente site: conheça Israel com paixão.

Espero que você encontre as informações que você estava procurando. Boa Viagem!

* Ted Feder é formado em psicologia clínica pela Faculdade Paulistana e em comunicações pela USP com pós-graduação em marketing pela Fundação Getúlio Vargas. Se você tiver uma sugestão ou queira fazer algum comentário, favor enviar sua mensagem para tfeder@terra.com.br

Superman, o líder dos “super-heróis” em quadrinhos tem raízes judaicas

O triunfal retorno de Superman — o Super-homem, como é conhecido nos países de língua portuguesa — às telas de cinema do meio mundo, depois de quase duas décadas de ausência coincidiu com a revelação de um de seus segredos mais bem guardados: o homem de aço é judeu.

Quem afirma isso é o rabino nova-iorquino Simcha Weinstein, que assegura que a história de Superman, como a de outros super-heróis, como por exemplo, Spiderman (o Homem Aranha), bebe diretamente na tradição e no ideal do povo judeu.

“É judeu. Kal-El — o nome de Superman em seu planeta de origem, Krypton — é um vocábulo hebraico que significa ‘a voz de D-us’”, garante esse rabino do Brooklyn.

O novo filme de Superman, que conta com um dos orçamentos mais altos da história de Hollywood — cerca de 200 milhões de dólares — estreou em junho nos Estados Unidos e espera recuperar a popularidade perdida do herói, depois de mais de 20 anos afastado das telas.

Essa fama não é mais que o resultado de uma fantasia sonhada por dois jovens judeus de Ohio, Jerry Siegel e Joe Shuster, que cobraram 130

dólares pela primeira história do Superman em 1938, edição em quadrinhos cujo exemplar hoje poderia superar o meio milhão de dólares, caso alguém o colocasse à venda.

“Os criadores de Superman eram judeus e, por isso, acredito que tenham colocado no personagem grande parte de sua cultura e filosofia.

Além disso, tem um ‘alter ego’, Clark Kent, como muitos dos judeus que chegaram aos EUA nos anos 30 e 40 d século passado. Só um judeu poderia ter um nome como Clark Kent”, brincou Weinstein.

Simon Weinstein, nome original deste rabino nascido no Reino Unido, abandonou uma promissora carreira no cinema — participou da produção de “The Full Monty” ou “007: O Amanhã Nunca Morre” — para seguir o chamado de D-us e é ele próprio que afirma: “quando o homem faz planos, D-us ri”.

Grande aficionado pelas histórias dos super-heróis desde menino, quando se mudou para Nova York para desenvolver seu trabalho espiritual no Pratt Institute, um centro artístico “onde estudaram alguns dos melhores criadores de revistas em quadrinhos”, Weinstein encontrou nesse campo um filão. Ele fundou o Jewish Student Foundation of Downtown Brooklyn, um centro cultural e educacional para

despertar o orgulho judaico e os estudos do judaísmo. Sua fundação, são ligado ao Movimento Chabad.

“Foi uma forma de chamar a atenção. Comecei falando de super-heróis e os valores da tradição judaica para cativar o interesse dos meus estudantes e das pessoas que acudiam à sinagoga”, explicou.

Boa parte dos super-heróis foi inspirada em Sansão e outros heróis bíblicos, bem como na história do Golem de Praga (que serviu de modelo para O Coisa). Toda esta paixão atravessou as paredes das salas de aula e da sinagoga e se converteu nas páginas de um livro, ainda só em inglês, “Up, Up, and Oy Vey!”, uma divertida crônica da misteriosa história que há por trás dos super-heróis mais famosos e suas raízes judaicas. O livro foi lançado dia 27 de maio, em Nova York. (Material



O rabino Simcha Weinstein com o filho

elaborado com base no que foi publicado nos sites <http://www.laregion.net/content/view/13957/50> e www.rabbisimcha.com).



Protagonista de “Superman Returns”, o ator Sam Huntington



Deu a louca no Judeu!



Rua Augusto Strasser, 420 - Ladjinha 4-A
Royal Street Center - Tel: 3352-3003

HERCHCOVITCH, jeans



**HIDRÁULICA
BARIGUI**



Rua Jerônimo Durski, 2044
Tel: (41) 3016 - 1630
vendas@hidraulicabarigui.com.br

Não deixe sua obra ir por água abaixo



Entre alegrias e tristezas, banquetes e jejuns¹

Jane Bichmacher de Glasman*

O título pode sugerir um transtorno bipolar do humor (ex-PMO); mas estou me referindo à sucessão de datas do calendário judaico que seguem este ciclo. Vivemos anualmente uma alternância entre festas de alegria quase eufórica, com seu *dót* (banquetes) simbólicos e fartos, como *Purim*, *Pêssach*, *Rosh háShaná* e dias de jejum e luto, como *Tishá beAv* e *Iom Kipur*. Estas oscilações de celebração e humor, mais que uma montanha russa de emoções, conduzem a um equilíbrio homeostático, fundamental à sobrevivência humana e, no nosso caso, do povo. A vida não é feita só de depressão ou de euforia; o homem saudável alterna alegrias e tristezas para manter sua harmonia interior.

O Hassidismo (Tanya 31) distingue a dor construtiva (*merirut*) da destrutiva (*atzvut*). Uma possibilita o auto-aperfeiçoamento, conduz à ação procurando desfazer a causa com reflexão e planejamento; a segunda afoga-se em suas lágrimas. Ditos hassídicos sintetizam lindamente: A depressão não é um pecado; mas o que ela fez, pecado nenhum logra e nada mais inteiro do que um coração partido...

Entre angústias

Assim como de *Pêssach* a *Shavuot* efetuamos uma contagem de 7 semanas de semiluto, temos outro período de 3 semanas, de 17 de *Tamuz* (este ano, em 13 de julho de 2006) a 9 de *Av* (3/8/06), conhecido como *bein há-meitzarim* que significa entre as angústias, aflições ou literalmente, 'estreitezas'. Seria a origem judaica da expressão agosto, mês de desgosto, introduzida por cristãos-novos, pois o mês de *Av* costuma cair nesta época.

Dias de jejum e de luto

Quatro vezes por ano devemos jejuar desde o amanhecer até aparecerem as primeiras estrelas: *Assará BeTevet* (10 de *tevet*), *Taanit Ester* (13 de *adar*), *Shivá Assar be-Tamuz* (17 de *tamuz*) e dias de *Ta-*

anit Tzibur (jejum público); *Tishá be-Av* e *Iom Kipur* desde o entardecer até o anoitecer seguinte. Os profetas instituíram-nos para relembrar eventos relacionados ao começo do exílio e à destruição dos Templos: 10 de *Tevet*, o começo do cerco de Jerusalém por Nabucodonosor; após a *Shoá*, tornou-se dia de *Kadish* pelos 6 milhões de judeus assassinados; 3 de *Tishrei*, o assassinato de Godolias, último governador de Judá; 17 de *Tamuz* recorda o assalto a Jerusalém pelos babilônios, a quebra das Tábuas da Lei por Moisés e a brecha na muralha do Templo, feita mais tarde pelos romanos; 9 de *Av* registra vários fatos trágicos como: o decreto pelo qual os israelitas deveriam vagar pelo deserto por um período de 40 anos, a destruição dos dois Templos; a queda da fortaleza de Betar, a derrota de Bar Kohbá e o massacre de sua gente, o sítio de Jerusalém por Adriano, a assinatura do édito de expulsão dos judeus da Inglaterra em 1290 e da Espanha em 1492; Os jejuns servem a 3 propósitos: *teshuvá* (penitência), *bakashá* (súplica) e *avelut* (luto) privado ou público.

Para que serve o luto?

Por que nossos sábios decretaram dias de aflição e angústias? O luto mantido através das gerações "redimiria" as faltas de nosso povo que originaram a Diáspora? Qual sua relação com o século XXI?

Mesmo sem entrar em profundas considerações psicanalíticas, a "elaboração" do luto pode ser benéfica. O ritual envolve respeito e honra pelo morto, mantendo sua memória e nossa conexão emocional-afetiva com ele. Permite que o enlutado efetue um tipo de catarse de sua dor, como um meio de fazê-lo sentir-se menos deprimido, expressando-a de diversas formas, inclusive relembrando passagens de vida e características do falecido. Um aspecto primordial é que o luto ajuda o enlutado a sentir que está fazendo o que está a seu alcance, já que tanto frente à morte como a desgraças ocorridas com o povo, há momentos em que nada podemos fazer para deter o desenrolar trágico.

O indivíduo, ao seguir o ritual do luto judaico, como *Shivá* e recitar o *Kadish*, sente que está fazendo "algo" pelo ser querido. Quanto ao público, como em *bein há-meitzarim*, nossos sábios adequaram o enfoque: não se espera que o homem mude o mundo nem que com seu semiluto terminem todas as tragédias judaicas, mas que se una na dor a seu povo, não permanecendo indiferente aos seus irmãos.

Que mês!

Quando pensamos no mês de *Av*, a primeira associação é com *Tishá beAv*, um dos mais sombrios dias do calendário, no qual ocorreram e relembramos grandes tragédias da história judaica, como mencionado. Lemos *Meguilat Eihá* (Lamentações, escrito pelo profeta Jeremias que presenciou a destruição do I Templo), de noite à luz de lúgubre vela e na manhã seguinte sentados no solo ou bancos baixos, sem *tefilin* ou *talit* e depois, *Kinot*, poemas de lamentos e elegias escritas por poetas de várias épocas, testemunhas de desastres do nosso povo variando por comunidade.

Quando pensamos que *Av*, em hebraico, também significa pai e, associando à imagem de um D-us paternal, podemos questionar hereticamente: Que pai é este? A resposta, no calendário judaico, vem 6 dias depois, em *Tu beAv*: um pai que nos recebe com alegria, que se volta para nós ao retornarmos a ele. Embora seja data menos conhecida, é das mais expressivas: *Tu beAv* e *Iom Kipur* são considerados "os dias mais significativos para o povo de Israel" (*Tal-*

mud Taanit 26,2).

Assim como em *Tishá be Av* tantos fatos trágicos aconteceram aos judeus ao longo da história, em *Tu beAv* foram vários fatos positivos marcando o fim de negativos que vinham ocorrendo conosco, como povo. Alguns exemplos: o fim das mortes da geração do êxodo; o enterro dos mortos de Betar; o dia em que terminavam de trazer lenha ao Templo; o Feriado do Amor e de Amor Fraternal².

O amor no judaísmo é essencial. Rabi Haim Vital, cabalista, comprou por guematria amor em hebraico ahavá (valor numérico 13) com o Nome de D-us (26), concluindo que, quando duas pessoas se amam, a combinação de seu amor (13+13) intensifica a presença divina entre eles (D-us=26=13+13). Portanto, procure o amor e ame intensamente! Casais, namorados, amigos, família... Quando as pessoas compartilham suas existências, com troca e harmonia, D-us se faz presente!

Notas:

1. Adaptado e resumido do artigo de mesmo nome, da autora, publicado na Revista O Hebreu, nº 274, 2003.

2. Ver da autora: "A Origem de Valentine's Day", Pletz, 2002, "Dia dos Namorados Judaico", Moadon, 2002, A Origem do Dia dos Namorados

http://ilove.terra.com.br/lili/palavras/emoções/dia_namorados_origem.asp

<http://ovo.locked.org/ind=44>

www.falecomfleischmann.com.br/culinaria/dicas_do_padeirito/curiosidades, etc.

* Jane Bichmacher de Glasman é doutora em Língua Hebraica, Literaturas e Cultura Judaica da USP, fundadora e ex-diretora do Programa de Estudos Judaicos na UERJ, professora coordenadora do Setor de Hebraico na UFRJ (aposentada) e escritora.

Leia e assine o jornal

VISÃO JUDAICA

www.visaojudaica.com.br

41 3018 8018

A culpa de Israel

Pilar Rahola *

A cumulei notícias, críticas e análises indignadas antes de fazer este artigo. Não queria escrever com o automatismo que comporta o conhecimento preciso do problema, a motivação que o conflito me gera e, sobretudo, a convicção de que este é um tema satanizado, tratado com um maniqueísmo do qual nenhum outro tema sofre.

Sobre Israel não se informa, faz-se propaganda, consolidam-se preconceitos e rompem-se com todos os códigos deontológicos que regulam outras notícias complexas. A rapidez com que, diante de um fato lastimável, sempre Israel é criminalizado, dá-nos a medida da desproporção e, sobretudo, informa da distorção do qual sobre o conflito.

Vamos por partes. Certamente nestes dias não nos chegam boas notícias da área. Por causa do seqüestro de um soldado, e do assassinato de um colono, o exército israelense está exercendo uma pressão militar que submeteu a população palestina a uma situação altamente insustentável. Algumas das reportagens sobre o estresse de que sofrem as crianças e sobre o medo com que vive a população civil são pertinen-

tes e, sem dúvida, certas. Ainda assim, há só uma face da notícia? Ajuda-se a solucionar o conflito abordando uma só faceta do problema? É moral, ético e profissional colocar o peso da culpa exclusivamente num dos povos, e elevar o outro à categoria de vítima universal? Como sou das que creem que a verdade é um espelho quebrado — Rodoreda, *in memoriam* —, e que Israel tem muitos dos pedaços, acredito também estarmos mentindo deliberadamente ou inconscientemente e, que a mentira só ajuda a perpetuar a desgraça. Para dizer isso mais claro: muitos dos que creem solidarizar-se com a Palestina, criminalizando Israel, a única coisa que conseguem é afastar a paz, queimar as pontes de saída e, sobretudo, alimentar o vitimismo perverso dos setores mais fundamentalistas. A bondade palestina não só é uma falácia: é, sobretudo, uma armadilha mortal.

Vamos à contingência atual, aproximando-nos com rigor e não com a sacola dos preconceitos bem cheia. Primeiro, participo da crítica a algumas das atuações do governo Olmert.

Até onde posso entender a pressão social que está sofrendo em função do seqüestro do rapaz Gilad Shalit, não creio que usar aviões sôni-

cos noturnos para assustar a população sirva para nada mais que pura propaganda. E alguns atos de prepotência militar seriam perfeitamente evitáveis. Ainda assim, se esta fosse a denúncia jornalística, e estivesse acompanhada de uma análise crítica do que fazem os palestinos, teria pouca coisa a acrescentar.

O problema é que a notícia sempre chega com uma só face, e assim os palestinos parecem vítimas virgens de culpa e submetidos à loucura de uns malvados israelenses. Como se o *Tzahal*, um exército fundamentalmente formado por rapazes e moças universitários israelenses, fosse algo assim como uma brigada de sádicos dedicados a matar civis. Assim são narradas as notícias. A realidade, entretanto, é outra e tem dados mais precisos. Desde que Israel abandonou Gaza e realizou um dos gestos unilaterais a favor da paz mais sérios dos últimos tempos, a quantidade de missões Kassam (ontem em uma escola de Ashkelon) que caíram em território israelense têm sido centenas. E agora caem mais perto. Não há noite que não caiam mísseis, do mesmo jeito que não há dia em que as emissoras de televisão palestinas não alimentem o ódio contra os judeus e façam exaltações ao extermínio. A organização que governa a

Palestina, o Hamas, é responsável por centenas de assassinatos, e longe de mudar de posição, continua alimentando um ódio em massa que só pode conduzir à fabricação de suicidas. Não há nenhum gesto, nem econômico, nem cultural, nem político, que prepare a Palestina para a paz; muito pelo contrário: todos os esforços dedicam-se a prepará-lo para a guerra eterna. Nesta situação de violência, que culminou com o assassinato do jovem de 18 anos Eliahu Asheri, e com o seqüestro do soldado de 19 anos, Israel tem direito, no mínimo, a sentir-se profundamente cansado. Há interlocutores palestinos para a paz? Ousaria dizer que Mahmoud Abbas o é, mas, quem lhe faz caso? O que fundamentalmente existe são interlocutores para a guerra. Frente a este panorama, não parece tão estranho que Israel mantenha abertas as negociações, mas ative as suas defesas militares. Por mais que na Europa entoemos melodias de boas intenções, são a eles a quem ameaçam e a quem matam. Podemos negar-lhes, com tanta alegria como o fazemos, o direito à defesa?



Pilar Rahola

* Pilar Rahola é jornalista, escritora e tem programa na televisão espanhola. Foi vice-prefeita de Barcelona, deputada no Parlamento Europeu e deputada no Parlamento espanhol. Publicado no *Diário Avui*, de Barcelona. Tradução: Szyja Lorber

Situação atual no Oriente Médio

Na manhã de 12 de julho de 2006 Israel foi atacado por foguetes e terroristas do Hezbollah vindos do Líbano, resultando na morte de três soldados israelenses, dois feridos e dois soldados seqüestrados. Nos esforços para recuperar os soldados seqüestrados, um tanque israelense foi atingido, matando quatro soldados. Nas últimas horas, as Forças de Defesa de Israel atacaram, por ar e terra, posições do Hezbollah no Líbano.

O Hezbollah é uma organização terrorista que faz parte do governo libanês. A comunidade internacional, incluindo o Conselho de Segurança das Nações Unidas, tem exigido diversas vezes do governo libanês que o Hezbollah deponha suas armas. Eles não o fizeram, agora os resultados podem ser vistos. Israel vê o governo libanês como responsável por essa agressão e como consequência Israel tem que defender seus cidadãos, e continua tendo esperança de que haja paz na região.

O ataque foi contra cidadãos israelenses — civis e militares — em solo soberano de Israel. Nestas circunstâncias, Israel não teve alternativa a não ser defender seu território e cidadãos. Por essa razão, Israel agora está reagindo a um ato de guerra de um estado soberano vizinho. O propósito da operação de Israel tem dois objetivos — o de libertar seus soldados seqüestrados

e acabar com a ameaça terrorista em sua fronteira norte. O Líbano como responsável pela situação deve aceitar as consequências de tais atos.

A Síria abriga em sua capital Damasco, os quartéis-generais de diversos grupos terroristas jihadistas palestinos, incluindo o Hamas. Essas instalações oferecem abrigo e apoio logístico ao líder do Hamas, Khaled Mashaal, que mora na cidade há muitos anos. A partir de Damasco, Mashaal comanda terroristas nos territórios palestinos, os quais executam inúmeros ataques terroristas contra Israel e seus cidadãos, incluindo o bombardeio do sul de Israel com foguetes Kassam e a infiltração terrorista recente que resultou no seqüestro do cabo Gilad Shalit. A Síria também fornece apoio ao Hezbollah, incluindo a transferência de armas, munição e homens através do aeroporto de Damasco e do cruzamento da fronteira para o Líbano. O Hezbollah não seria capaz de operar no Líbano sem o apoio claro da Síria.

Pressão contra a Síria e o Irã

Há um amplo consenso no cenário internacional de que o terror da jihad é uma ameaça global que deve ser confrontada com determinação e firmeza. Os governos

estrangeiros e organizações internacionais devem pressionar esses regimes, assegurando que eles entendam que pagarão, em todo o mundo, um preço tremendamente alto por seu apoio ao terrorismo.

É responsabilidade do governo do Líbano cumprir suas obrigações como estado soberano e estender seu controle sobre seu próprio território, de acordo com as resoluções nº 425 e nº 1559 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Através dessa operação, Israel espera que o governo de Beirute tome uma atitude, e facilite esse controle providenciando encorajamento internacional e condições operacionais favoráveis ao desarmamento do Hezbollah e o deslocamento do exército libanês para o sul, em direção à fronteira israelense-libanesa. Um membro ativo do governo libanês, Mohammed Phenis, Ministro da Energia e da Água, é integrante da organização terrorista Hezbollah. Em 13 de julho, o primeiro-ministro do Líbano, Fouad Siniora, disse que seu governo não é responsável pela atividade do Hezbollah porque não foi previamente informado de suas intenções. Enfim, pode dizer-se que “se colhe o que se semeia”.

Israel tem como alvo apenas construções que servem diretamente às organizações terroristas em ataques contra Israel e também alvejou as pistas do aeroporto in-

ternacional de Beirute porque as mesmas servem ao reabastecimento de armas e munições do Hezbollah. E atingiu também edifícios como os estúdios de televisão do Hezbollah, que são um meio vital de comunicação para os terroristas. Os terroristas propositalmente se esconderam e armazenaram seus mísseis em áreas residenciais, colocando em risco as populações civis nas cercanias. Em cada caso, Israel está tomando um cuidado extremo para reduzir ao mínimo o risco que a população civil corre.

Conflito em duas frentes relacionadas

O secretário-geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah, em sua coletiva de imprensa após o ataque de 12 de julho, apresentou uma lista de demandas para a libertação dos soldados israelenses seqüestrados. Isso inclui uma exigência para a libertação de terroristas do Hamas, como também membros do Hezbollah. Isso indica que o nível de coordenação desses dois grupos terroristas da jihad, não é apenas ideológico, mas também operacional.

Após o ataque do dia 12 de julho proveniente do Líbano, o Primeiro-Ministro de Israel, Ehud Olmert, declarou que “Israel não cederá à extorsão e não negociará com terroristas a vida de soldados israelenses”.



* Breno Lerner é editor e gourmand, especializado em culinária judaica. Escreve para revistas, sites e jornais. Dá regularmente cursos e workshops. Tem três livros publicados, dois deles sobre culinária judaica.

Hoje é dia de churrasco!

Breno Lerner*

O churrasco é o passatempo número 1 do Brasil. Todos os dias, mas principalmente nos fins de semana, milhões de brasileiros reúnem-se ao redor da churrasqueira e, ao som dos alimentos no braseiro, caipirinha e cerveja, colocam a conversa em dia, discutem esportes e salvam os destinos da nação e do mundo.

Comer ao redor do fogo é um prazer atávico que remonta ao tempo das cavernas, onde a fogueira era o calor, a proteção e fonte de novos alimentos.

Os povos nômades, como os judeus foram um dia, não conheciam outra forma de cozimento que não a fogueira e o braseiro. Quanto de nossas tradições e de nossa história não terá se iniciado ou acontecido ao redor de um braseiro?

Por outro lado, as normas *casher* são muito claras quanto ao uso da carne e seus fluídos, não possibilitando o churrasco ao sangue, tão ao gosto dos apreciadores do churrasco.

Isto não impede que possamos ter uma agradabilíssima tarde ao redor da churrasqueira, utilizando o frango, o peixe, vegetais e frutas que vão proporcionar uma inesquecível churrasqueira.

Se você segue os preceitos *casher*, aqui vão algumas sugestões para seu cardápio de fim de semana.

Se você não segue a *cashrut* bem, aqui vão novas receitas para tornar seu churrasco diferente e mais gostoso.

Sardinhas à portuguesa

Calcule 4 a 6 sardinhas por pessoa;
Calcule 1 batata grande por pessoa;
Sal grosso.

Escame, eviscere e lave as sardinhas, deixando-as inteiras e com a cabeça.

Lave bem as batatas, deixando-as com casca. Embrulhe cada batata em um pedaço de papel-alumínio juntamente com um colher de café de margarina. Coloque na grelha baixa, deixe assar até amolecer (mais ou menos 30 minutos), virando uma ou duas vezes. Passe sal grosso nas sardinhas e coloque-as em grelha baixa, cozinhando por 4 a 5 minutos, de cada lado ou até o ponto desejado. Retire as batatas do papel-alumínio, com uma mão fechada dê um murro em cada uma achatando-a levemente, regue com azeite, coloque um pouco de salsinha picada e sirva com as sardinhas. Acompanhe com uma salada de agrião e um bom vinho tinto.

Peixe à moda tupi

1 anchova grande inteira;
1 folha de bananeira (pode substituir por papel-alumínio);

1 cabeça de alho descascada e transformada em pasta;
Suco de 1 limão grande;
1 cebola grande cortada em fatias finas;
Sal e pimenta do reino a gosto.

Escame, eviscere e lave a anchova. Misture todos os temperos menos a cebola e esfregue na anchova. Deixe tomar gosto por uma hora. Enquanto isto escalde a folha de bananeira em água fervente para lavá-la e amaciá-la. Enrole o peixe e as rodela de cebola na folha de bananeira, fazendo um pacote bem fechado. Coloque em grelha baixa, assando por 5 minutos de cada lado ou até cozer ao seu gosto. Sirva na própria folha de bananeira, acompanhada de salada e farofa.

Tulipas na brasa

Tulipas são as pequenas coxinhas que vem junto da asa do frango. Calcule umas seis por pessoa. Esta receita pode também ser feita com pedaços de sobrecoca.

Para 24 tulipas:
Suco de 1 limão;
1/3 de xícara de vinho tinto seco;
2 colher de sopa de mel;
1 colher de sopa de molho inglês;
2 colher de sopa de óleo;
Sal a gosto.

Misture todos os ingredientes e deixe as tulipas de molho por pelo menos 4 horas. Escorra as tulipas e espete-as em espeto de metal. Coloque em grelha alta, pincelando com o molho e virando a cada 10 minutos até chegar ao ponto desejado, mais ou menos 30 minutos.

Galeto atropelado

1 galeto;
Suco de 1 limão;
1 cálice de vermouth branco seco;
1 colher de sopa de páprica picante;
1 cabeça de alho bem picada;
2 colher de sopa de óleo;
Sal a gosto.

Lave bem o galeto, por dentro e por fora. Com uma faca afiada, corte-o longitudinalmente pelo lado da espinha. Achate-o com as mãos, abrindo-o (daí o aspecto de atropelado).

Misture todos os outros ingredientes. Com muito cuidado enfie a mão sob a pele do galeto, sem rompê-la. Espalhe metade da mistura sob a pele e o resto sobre o galeto, deixando-o tomar gosto por duas horas. Coloque o galeto em gre-

lha alta, com o lado dos ossos para baixo, por 20 minutos, pincelando-o com a mistura de vez em quando.

Vire-o e asse a pele por mais 10 a 15 minutos, sempre pincelando com a mistura.

Vegetais e legumes

Cogumelos Shitaki

Corte os cabinhos dos cogumelos, espete-os em espetinhos de bambu, pincele com uma mistura de molho shoyu e gotas de limão. Grelhe rapidamente por dois a três minutos de cada lado.

Alho Porro e Rodelas grossas de cebola – Lave bem os vegetais, cortando o alho porro em pedaços de 5 cm e as cebolas em fatias grossas. Espete-os em espetinhos de bambu e pincele-os com uma mistura de missô (soja fermentada), óleo e vinho branco (duas colheres de sopa de missô para uma de óleo e uma de vinho). Vá virando e pincelando até ficarem cozidos.

Salada Grelhada

Use 4 tomates caqui, 2 abobrinhas e 2 cebolas roxas.

Corte os tomates em fatias grossas, as abobrinhas de comprido, em fatias e as cebolas em rodela grossas. Tempere com sal e pimenta do reino a gosto. Numa panelinha derreta 6 colheres de sopa de margarina com 2 colheres de sopa de óleo.

Coloque 3 dentes de alho bem picados e quando começarem a dourar, acrescente 4 colheres de sopa de vinho branco seco. Deixe os vegetais de molho nesta mistura por 10 minutos. Escorra-os bem e coloque na grelha baixa por 10 minutos de cada lado, pincelando sempre. Sirva acompanhando frango ou peixe.

Frutas

Abacaxi caramelizado

Escolha um abacaxi bem maduro e corte-o em rodela grossas sem tirar a casca. Coloque-o na grelha baixa, 4 minutos de cada lado, pincelando com um pouco de mel. Polvilhe com um pouco de gergelim torrado e sirva com sorvete de abacaxi.

Banana assada

Escolha uma banana da terra (ou São Tomé) por pessoa. Faça um corte no comprimento da banana, polvilhe por dentro com açúcar e canela e coloque na grelha baixa. Asse até amaciar.

VJ INDICA

FILME

À Sombra de um Gigante

Drama

Direção: Melville Shavelson
Elenco Kirk Douglas, Senta Berger, Angie Dickinson, Frank Sinatra, Yul Brynner, John Wayne, James Donald, Stathis Giallelis, Topol, Ruth White
Origem: Estados Unidos, 1966
Título original: *Cast a Giant Shadow*
Duração: 138 minutos
DVD colorido, com idiomas e legendas em inglês, espanhol e português.
Distribuição Fox Home Entertainment



Sinopse

Baseado em fatos reais, o filme apresenta uma impressionante dramatização da luta heróica de Israel entre 1947-48 pela independência. É simultaneamente uma história realista de guerra e um romance inflamado, apresentado por um elenco de astros e estrelas que inclui Kirk Douglas, Senta Berger e Angie Dickinson, além de Yul Brynner, John Wayne e Frank Sinatra em notáveis papéis coadjuvantes. Após uma carreira brilhante no exército norte-americano um herói da 2ª Guerra Mundial, o judeu americano Mickey Marcus (Douglas) é chamado ao novo Estado de Israel para ajudar a organizar um exército capaz de enfrentar seus inimigos árabes. Contra a vontade de sua esposa (Dickinson), Mickey parte na perigosa jornada e começa a transformar um confuso exército clandestino numa tropa de combate de primeira classe. Mas à medida que a ameaça de guerra se aproxima, Mickey também precisa enfrentar sua crescente atração pela bela ativista Magda Simon (Berger).

Ativistas da comunidade

Jaime Aron Teig

Moisés Bronfman *



Instituto Cultural Judaico-Brasileiro
Bernardo Schulman

Para todos nós em Curitiba era mais conhecido como Chaim Aron Teig. Filho de Akiva e Amália Teig, ele nasceu em 9 de agosto de 1897, em Vladimir Volinski, na então Polônia, chegou ao Brasil em 1933 e naturalizou-se brasileiro.

Na Polônia foi contador, mas veio para o Brasil procurando melhores condições de vida para sua família e maior liberdade como judeu. Na sua cidade natal tornou-se membro da comissão diretora do Banco Popular Judaico ou "Bank Ludowy".

Em Curitiba, trabalhou inicialmente, como mascate, e alguns anos mais tarde estabeleceu-se com uma loja de roupas feitas e um armazém de secos e molhados, e esse era administrado por sua esposa D. Sura Leia (Sônia).

O casal teve quatro filhos. Alexandre nasceu em 1925, formou-se engenheiro civil, casou-se com Sheina e faleceu prematuramente com apenas 28 anos de idade. A segunda filha foi Chana, nascida em 1927, que se formou contadora, e casou-se com Victor Brami, ambos já falecidos. Eles tiveram três filhos: Alexandrina, Jean Pierre Akiva e Vitória. O terceiro filho do casal Chaim Aron Teig e Sônia foi Samuel. Nascido em 1929, formou-se em Administração e Comércio Exterior. Casou-se com Kohava Polikar e tem quatro filhos, Jaime Aron, Alexandre Leon, Benami e Sônia Léia. O caçula, Rubens, quarto

filho, foi o único que nasceu no Brasil. Casou-se com Mali Warszawiak e tem três filhos, Simone, Siomara e Salmo. Samuel e Rubens são empresários de sucesso na área comercial.

Chaim Aron Teig trabalhou por mais de 20 anos ininterruptos em serviços sociais destacando-se a sua dinâmica atuação em prol do Keren Kaemet. Houve reconhecimento do seu dedicado trabalho por parte da coletividade em 1950, na reunião promovida em sua homenagem, por ocasião de seu regresso de um congresso sionista em Israel. Era um excelente orador em iídiche. Dizem que ele começava assim: "Ich wel zugn nor tzvei verter" (tradução: "eu vou dizer somente duas palavras") e fazia um longo discurso.



Jaime Aron Teig

Chaim Aron Teig exerceu os seguintes cargos na Comunidade Israelita do Paraná: Presidente do Comitê Local do Keren Kaemet, Secretário Geral do Magbit, Secretário da Unificada, Vice-Presidente da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e Secretário da Língua Iídiche do Centro Israelita (Atas).

Como delegado de Curitiba assistiu a vários Congressos Regionais no Rio de Janeiro e em São Paulo, como resultado dessas mis-

sões foi eleito Membro Executivo da Confederação e Membro do Comitê Central de Sionistas Gerais.

Para concluir, recebi de Samuel Teig o certificado de uma Ação de cem mil réis em nome de Jaime Aron Teig, da Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda, com sede em Curitiba ("Laispar Casse" de Curitiba), fundada em 4 de julho de 1934, sendo presidente Salomão Guelmann, tesoureiro Henrique Achterman e secretário Baruch Bariach.

A Comunidade agradece e transmite aos filhos e netos nossos parabéns pelas atividades do Pai e Avô em prol do *Ishuv* de Curitiba.

* Moisés Bronfman é médico e empresário, decano dos ativistas da comunidade de Curitiba e teve uma intensa vida na coletividade, que se estendeu por mais seis décadas e ainda participa ativamente dela. É também uma espécie de memória viva da construção das bases da atual coletividade. Ajudou na construção da Sinagoga Francisco Frischmann, do Centro Israelita do Paraná (CIP), da criação da B'nai B'rith e da Loja Chaim Weizmann, do Fundo Comunitário, do Instituto Cultural Brasil-Israel e do Grêmio Esportivo do CIP. Esta coluna, assim como a anterior, da edição de junho, é publicada sob os auspícios do Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman

OLHAR

HIGH-TECH

Enterro on-line

Uma associação funerária israelense lançou um novo site na internet, no qual oferece não apenas a localização exata de cada túmulo, mas também transmissões on-line dos enterros para quem não puder assistir ou não suportar o sufocante calor da região. A novidade tecnológica começou pela filial de Tel Aviv, que garante que o custo deste novo serviço é "popular", pois apenas "cobrar as despesas". Até alguns anos atrás, só eram permitidos em Israel os enterros religiosos e, embora já não seja obrigatório, pois há "cemitérios seculares", a associação ortodoxa continua sepultando, a cada ano, cerca de oito mil pessoas na área metropolitana de Tel Aviv. Para adaptar-se aos novos tempos, foi autorizada a introdução de todo tipo de elementos alheios à estrita lei ortodoxa judaica, como a presença de músicos nos funerais e até apresentações multimídia sobre a vida dos falecidos, além de versículos e salmos. O investimento com o site e os serviços oferecidos na internet foi de mais de US\$ 100 mil. (jornal *Yediot Aharonot*).

Caverna pré-histórica em Israel

Durante perfurações de rocha em uma pedra, cientistas israelenses anunciaram a descoberta de um ecossistema pré-histórico de milhões de anos em uma gruta perto da cidade de Ramle, no centro de Israel. Até agora, oito espécies animais foram descobertas na caverna. Todas não tinham olhos, o que significa que elas perderam a visão devido à evolução. O ecossistema da caverna deve datar de cerca de cinco milhões de anos, quando o mar Mediterrâneo cobria partes de Israel. (Jornal *Alef*).

Intel lança novo chip israelense

Israel se coloca novamente na vanguarda do desenvolvimento com um novo chip da Intel, e o lançamento de uma nova geração de microprocessadores que oferecem maior performance com menor consumo de energia, e que promete ser um recorde de vendas na história da empresa. A nova geração Dual-Core Intel Xeon Processor 5100 para sistema de duas vias, foi criada no Centro Intel de Pesquisa & Desenvolvimento de Haifa. A nova série 5100 apresenta um desempenho 135% superior aos produtos anteriores da empresa, ao

mesmo tempo em que o consumo de energia tem uma queda de 40%. A expectativa é que os servidores baseados em Intel tenham uma redução nos custos de espaço, de refrigeração e de energia. (*B'nai B'rith/El Reloj.com*).

Diversidade biológica

A ONU escolheu 2006 como o Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação, apoiando a iniciativa de Israel em combater o avanço das regiões desérticas. O objetivo é sensibilizar o público para o avanço dos desertos, as maneiras de salvaguardar a diversidade biológica das terras áridas que cobrem um terço do planeta e a proteção dos conhecimentos e das tradições dos dois milhões de seres humanos afetados. Como consequência das atividades desenvolvidas durante 2005, será realizada em Israel, de 6 a 9 de novembro a "Conferência Internacional sobre Desertos e Desertificação", uma parceria da ONU com a Universidade Ben Gurion, localizada no deserto do Neguev. (jornal *Jerusalém Post*).

Dispositivo emudece celular

Algumas igrejas do México já estão usando a moderna tecnologia desenvolvida em Israel para deixar mudos os celulares que tocam na hora das missas. Segundo a empresa que desenvolveu o sistema, quatro templos católicos de Monterrey, a duas horas de carro da fronteira com o Texas, já utilizam o sistema da empresa israelense Netline Communications Technologies para bloquear o sinal dos celulares. A companhia, sediada em Tel Aviv foi fundada em 1998 por especialistas da indústria da defesa. E o sistema desenvolvido com a finalidade de segurança. (jornal *Aurora*).

Dispositivo II

O equipamento que também pode ser utilizado em presídios compõe-se de duas caixas do tamanho de um pequeno amplificador de alta fidelidade, colocadas na parede ao lado do altar e da entrada do templo. O sistema é ligado antes de começar a missa e faz aparecer na tela dos celulares das pessoas o aviso "sem serviço" sem causar nenhum dano. Já há encomendas de outras igrejas e também de outros países para o equipamento. (jornal *Aurora*).



“Pra gente, a escola é palco de grandes realizações.”

Comunidade Escola.
Um ano de atividades
e muitos resultados a
apresentar.

Esta é a história de Jhelles e Diogo, que faziam shows em instituições beneficentes, hospitais e capelas dos bairros de Curitiba. Quando conheceram o Comunidade Escola ficaram impressionados com a solidariedade dos voluntários e o desejo de conhecimento e cultura dos participantes. Foi aí que eles passaram a se apresentar regularmente nas escolas integrantes do Programa. Agora os shows da dupla fazem sucesso no Comunidade Escola.

Informe-se pelo fone 156 ou www.curitiba.pr.gov.br e venha fazer parte desse Programa, que desenvolve atividades nas áreas de saúde, empreendedorismo, cidadania, esporte e cultura.

Democratas, Republicanos e Israel

Daniel Pipes *

O Oriente Médio terá com certeza uma importância sem precedentes nas eleições que renovarão parte do Congresso americano em menos de cinco meses. Três temas movimentam o debate: os rumos da guerra do Iraque, a resposta adequada às ambições nucleares do Irã e o aumento repentino do preço do combustível.

Apesar de relevantes, são questões transitórias, e os eleitores vão decidir com base nessas circunstâncias e sem diferenças claramente estabelecidas entre os dois partidos principais. Qual é, afinal, a posição dos democratas sobre o Iraque ou a dos republicanos sobre o Irã? Uma quarta controvérsia envolvendo o Oriente Médio, embora relegada a um segundo plano neste momento, tem um peso eleitoral bem maior: o conflito árabe-israelense. É um tópico perene, que ajuda a definir os dois partidos.

A ligação entre Estados Unidos e Israel é a mais especial das “relações especiais” da atualidade e também uma relação de família na política internacional. Em diversas áreas — política externa, cooperação estratégica, acordos econômicos, vínculos acadêmicos, laços religiosos, e intervenção mútua nas respectivas políticas internas — os dois países mostram um relacionamento raro, se não único. Sua influência chega até as questões locais; como nota um

artigo de 1994 da *New Yorker*, às vezes “parece que o Oriente Médio — ou, em todo caso, Israel — é um distrito de Nova York”.

Além disso, um número elevado de americanos (judeus, evangélicos, árabes, muçulmanos, anti-semitas e esquerdistas) vota em função da política israelense.

Desde o surgimento do Estado judeu em 1948, democratas e republicanos inverteram suas posições a respeito de Israel. Em uma primeira fase, de 1948 a 1970, os democratas simpatizavam mais com o Estado judeu e os republicanos, indiscutivelmente menos. Enquanto os democratas enfatizavam os laços espirituais, os republicanos tendiam a considerar Israel um Estado frágil e um fator de desvantagem na Guerra Fria.

A segunda fase começou por volta de 1970 e durou vinte anos. Em consequência da extraordinária vitória israelense na Guerra dos Seis Dias, o presidente Richard Nixon, um republicano, passou a ver Israel como uma potência militar e um aliado proveitoso. Essa nova postura colocou os republicanos tão a favor de Israel quanto os democratas. Diante dessa realidade, em um trabalho de pesquisa de 1985 conclui que “progressistas e conservadores apóiam Israel e os árabes na mesma proporção”.

O final da Guerra Fria em 1990 marca o início da terceira fase. Os democratas esfriaram com os israelenses e os republicanos aproxima-

ram-se entusiasmados. A esquerda fez da causa árabe-palestina o centro de sua percepção do mundo (como na Conferência de Durban em 2001), ao passo que a direita aprofundou seu alinhamento político e religioso com Israel.

A tendência é cada vez mais evidente. Em 2000, uma pesquisa que a extrema-esquerda encomendou a James Zogby, um ativista anti-Israel, descobriu “uma clara divisão partidária” sobre o conflito árabe-israelense, com os republicanos muito mais favoráveis a Israel que os democratas. Por exemplo, perguntados “como o próximo presidente deveria atuar no Oriente Médio em sua opinião?”, 22% dos republicanos e apenas 7% dos democratas responderam que ele deveria ser pró-Israel.

Uma recente pesquisa do Gallup mostra que 72% dos republicanos e 47% dos democratas simpatizam mais com os israelenses do que com os árabes-palestinos. Um exame atento desses mesmos dados revela um quadro mais dramático, com cinco vezes mais republicanos a favor de Israel em comparação com os democratas progressistas.

A indiferença democrata por Israel insere-se no contexto mais amplo das teorias conspirativas sobre neoconservadores e da virulência antijudaica de astros do partido como Jimmy Carter, Jesse Jackson, Cynthia McKinney e James Moran. Um analista, Sher Zieve, observa que entre

os democratas “o anti-semitismo esteve e continua em alta” há já algum tempo.

A tendência atual parece intensificar-se dia-a-dia, com a resultante separação entre judeus e árabes/muçulmanos na política americana. Isso me leva a crer que muçulmanos, árabes e outros grupos hostis a Israel votarão em número sempre maior nos democratas, assim como mais e mais judeus e simpatizantes do Estado de Israel votarão nos republicanos. Por esse prisma, vale ressaltar que os muçulmanos americanos consideram-se em plena competição com os judeus; para Muqtadar Khan, do Brookings Institute, logo os muçulmanos “não só terão condições de superar em votos, como ainda de predominar sobre o lobby judaico e a maioria dos outros lobbies étnicos”.

Tais desdobramentos podem alterar profundamente as relações entre os Estados Unidos e Israel. A velha política interpartidária ficará no passado, substituída por mudanças de rumo mais decisivas sempre que a Casa Branca sair das mãos de um partido para as do outro. Israel só terá a perder com o fim desse consenso.



Daniel Pipes

* Daniel Pipes é diretor do Fórum do Oriente Médio e colunista premiado dos jornais *New York Sun* e *The Jerusalem Post*. O presente artigo foi publicado originalmente no jornal *New York Sun* com o título “The Importance of Israel In November's Elections” e também disponível em www.danielpipes.org e publicado em português no site *Mídia Sem Máscara* em 22 de junho de 2006 <http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=4992>
Tradução: Márcia Leal

NATIVA SPA ATIVAR:
TODO O AMARELO
DA NATUREZA PARA
CUIDAR DE VOCÊ.

NATIVA SPA. FRUTAS, FLORES,
ALGAS, ERVAS E RAÍZES
DOS 5 CONTINENTES PARA
O SEU SPA EM CASA.



O Boticário

VOCÊ PODE SER O QUE QUISER

Chile, o governo que tem mais ministros judeus fora de Israel

Fora de Israel, o Chile é o país que mais tem judeus no governo. Depois do governo israelense, o gabinete chileno com a presidente Michelle Bachelet recentemente eleito é o governo que mais judeus tem no mundo, com três ministros, mais um vice-ministro, conforme informou o jornal *Yedioth Ahronoth*.

Os três ministros chilenos judeus são o ministro de Obras Públicas, Eduardo Bitrán Colodro; a ministra de Planejamento e Cooperação, Clarissa Hardy, e a ministra de Minas e Energia, Karen Poniachik. A eles se une o vice-ministro do Exterior Alberto Van Klavren.

O presidente da comunidade judaica chilena foi o anfitrião de uma festa em sua casa em honra dos membros judeus do gabinete judeus. O embaixador de Is-

rael no Chile David Cohen também participou.

Como havia informado o *Yedioth Ahronoth*, um estudo especial conduzido por uma grande organização judaica nos Estados Unidos revelou que os judeus têm um número significativo de representantes em parlamentos pelo globo, comparando com o fato de que são só uma população de 13 milhões de pessoas. O estudo mostra que 214 judeus servem atualmente como legisladores e parlamentares em países ao redor do mundo.

O Chile é o país que tem a maior o concentração de palestinos fora da Palestina. Existem cerca de 500 mil palestinos contra 5 mil judeus. A maioria deles foi para lá no governo socialista de Salvador Allende.

O povo eleito

Ao redor do mundo, 214 judeus foram eleitos parlamentares em diversos países

Itamar Eichner *

Um estudo conduzido por uma das maiores organizações judaicas nos Estados Unidos revelou que o povo judeu tem um número significativo de representantes em parlamentos espalhados pelo globo comparado com só 13 milhões de pessoas.

Uma cópia dos resultados do estudo foi obtida por Israel e o jornal *Yedioth Ahronoth* publicou que 214 judeus servem atualmente como legisladores e parlamentares em países ao redor do mundo.

Os nomes de judeus mencionados no relatório foram omitidos por temor de que possam ser atingidos por elementos hostis. O país que tem o número maior de judeus eleitos é a Inglaterra onde 61 postos legislativos estão ocupados por judeus: 7 barões, 37 lordes e 17 membros parlamentares.

Os Estados Unidos estão em segundo lugar com 37 legisladores judeus, 11 senadores e 26 congressistas.

A França e a Ucrânia estão em terceiro lugar com 15 parlamentares judeus cada uma.

O Brasil tem 11 parlamentares e um judeu ocupa um assento no parlamento da República Dominicana.

Uma convenção de parlamentares judeus do mundo inteiro aconteceu recentemente em Jerusalém onde os legisladores judeus de 28 países discutiram formas de lutar contra o anti-semitismo, promover diálogo entre religiões, e avançar nas atividades judaicas para ajudar o mundo pobre.

A convenção foi organizada pela Agência Judaica, o *Knesset*, o Ministério de Turismo e o Congresso Judaico Mundial.

A pregação do mundo árabe contra o judaísmo

Edda Bergmann *

De repente as desculpas usuais não funcionam mais, ninguém pode dizer que o presidente do Irã, na realidade, reclama de Israel e do sionismo e não dos judeus, nem que ele fala dos crimes coloniais do ocidente.

Estava propagando um dos bordões que definem a extrema direita racista, a negação do holocausto.

Uma posição que visa negar aos judeus sua história, seu sofrimento, quase que sua existência.

É como negar que os afro-brasileiros ou afro-americanos tenham sido escravos, coisa de quem só deseja o mal da espécie.

Em outubro, quando Ahmadinejad se postou sob uma faixa que prometia um mundo sem sionismo e clamou que Israel fosse varrido do mapa, muitos judeus sentiram um calafrio ante o que aparecia como uma fantasia animalesca de um homem desequilibrado, em sua mente doentia de culturas de um mundo de ações penais e de gestos heróicos animalescos, que põe em discussão a existência do homem no planeta Terra, e os espaços que os homens devem ou não ocupar, de acordo com as mentes privilegiadas dos maníacos da história, ou seja, seus ditadores maníacos e inspirados por definição e escolha divina.

O que ele queria explicar friamente, era um mundo sem sionismo, e não sem judeus.

Mas em se tratando de um chefe de governo de 70 milhões de pessoas, um país que aspira à liderança do mundo muçulmano, liderança atômica, inclusive, trata-se de um presidente que tem sonhos de aniquilamento.

Muitos historiadores revisionistas que contaram que acreditam nas falhas históricas do Holocausto, passaram apenas 60 anos e procuram negá-lo apesar de todas as

evidências históricas presentes. Trata-se de revelar a falsa verdade, a falsidade da história verdadeira, em prol do mito islâmico da mentira, sempre muito apreciado na história dos povos quando se quer mistificar a verdade passada e presente, frutos de mentes pouco saudáveis e de pensamentos negativos.

Só agora se percebe que TV's em todo o mundo muçulmano vêm apresentando lixo há décadas, com conteúdo anti-semita e apesar disso, ninguém reclamou, por que ninguém se debruçou sobre este fenômeno.

Uma série da televisão jordaniana produzida na Síria, neste ano, foi a que falou de um governo judaico mundial e repete a velha história infame de que os judeus usam sangue de crianças cristãs na comida da Páscoa. (Vejam bem! Cristãos!!!).

"O cavaleiro sem cavalo", cujo tema são os "Protocolos dos sábios de Sião", uma fraude de 100 anos, criada pela polícia czarista, sobre um suposto complot judaico para a tomada do mundo.

Esta é uma das mais torpes heranças do ocidente, uma forma de anti-semitismo, o vírus do anti-semitismo infestou o mundo islâmico, copiando uma linguagem e iconografia de cristandade, retomando o fôlego no Cairo, em Riad e Damasco, e o mundo cristão onde está, que não se preocupa com as aberrações e mentiras que ele criou, e onde está o Papa, procurando culpados?

Por enquanto está claro que isto é uma tragédia para os judeus, não é tão claro que isto seja um confronto para os muçulmanos que valorizam a tradição e com um ignorante no poder que nega a história e debocha desta tradição, nada de bom poderá surgir de suas evidentes necessidades de mostrar ao mundo que sabe espancar, dar chutes e pontapés, e tornar os muçulmanos que eram vistos

pelos judeus, como o povo do saber, da ciência, de tolerância e da coexistência em contraste com os bárbaros cruzados dos tempos passados, os catequistas de hoje.

É bom pensar e repensar a história, a presente como a passada.

Estamos num momento histórico tremendamente grave para o Oriente Médio, um momento pelo qual outros já passaram, muitos orientais engolem agora os mitos e as mentiras que mataram os camponeses na Europa e perderam ao longo dos séculos passados, conduzindo a Treblinka.

O muçulmano de hoje não deveria participar de tal ignorância ou deixando sair tudo que o diminua.

Os pregadores muçulmanos que não concordam com a ignorância sistematizada do presidente do Irã, devem condená-lo e evitar que ele tenha público e continue provocando o adubo necessário ao desenvolvimento das plantas daninhas do ódio e do mal estar entre homens, povos e nações e até entre vizinhos.

Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, isto já está acontecendo.

E os cálidos dos islâmicos devem fazer o mesmo.

Pode até ser desconfortável nas conversas, mas os dias da negação têm que acabar queiram ou não, e o Brasil deva ser tomado como exemplo da seriedade em ter desbravado o complot de um pseudo-escritor que nega o Holocausto e tê-lo colocado entre os réus, designados pela lei, como formadores da verdade. Trata-se do caso Ellwanger.

Por que não escrevemos isto nos jornais brasileiros, que o Presidente do Irã é um mentiroso, que seria condenado no Brasil pelo Supremo, será que estamos precisando de uma Rainha Esther, com sua beleza, sabedoria e encantos pessoais adequados à época presente?

O que significa?

Conhecendo mais sobre o judaísmo - II

Casamento judaico

É muito mais do que uma troca de alianças. Trata-se de aprender seu profundo significado, bem como imprimir uma cópia para os convidados do seu casamento!

O casamento judaico é repleto de rituais significativos, dando sentido ao propósito e significado mais profundo do casamento. Esses rituais simbolizam a beleza do relacionamento entre marido e mulher, bem como suas obrigações para com outro e com o povo judeu. A cerimônia de casamento acontece embaixo de uma *chupá* (pronuncia-se hupá e quer dizer toldo), o símbolo da casa a ser construída e dividida pelo casal. É aberta de todos os lados, assim como era a tenda de Abraham e Sarah a fim de receber todos os amigos e parentes com incondicional hospitalidade. A *chupá* é geralmente montada ao ar livre, sob as estrelas, como um sinal de bênção dada por D-us ao patriarca Abraham, que seus filhos serão como estrelas do céu. Embaixo da *chupá*, a noiva dá sete voltas ao redor do noivo. Uma vez que o mundo foi criado em sete dias, metaforicamente é como se a noiva estivesse construindo as paredes da nova casa do casal. O número sete também simboliza a totalidade e integridade que eles não podem atingir separadamente.

Duas taças de vinho são servidas no casamento judaico. O vinho é um símbolo de alegria na tradição judaica e está associado com o *Kidush*, a reza de santificação recitada no *Shabat* e nas festividades. O Casamento, que é chamado de *Kidushin* (Sagrado), é a santificação do homem e da mulher um para o outro. A aliança deve ser feita de ouro puro, sem desenhos ou ornamentos (ex. pedras) – isso porque se espera que o casamento seja de uma beleza simples. No casamento, o noivo aceita para si algumas responsabilidades matrimoniais que são detalhadas na *Ketubá* (contrato nupcial). A sua obrigação principal é prover alimentos, abrigo e roupas para sua esposa, e ser atencioso com relação às suas necessidades emocionais. A proteção dos direitos de uma esposa judia é tão importante que o casamento só pode ser formalizado após a leitura completa do contrato. São recitadas sete bênçãos (*Sheva Brachot*). O tema dessas bênçãos ligam

o noivo e a noiva para nossa fé em D-us como Criador do mundo, Maior Benfeitor da alegria e do amor, e Redentor final do nosso povo. Um copo é colocado no chão, e o noivo quebra com o seu pé. Esse ato serve como uma expressão de tristeza com a destruição do Templo em Jerusalém, e proporciona ao casal sua identidade de povo judeu. Um judeu, mesmo no maior momento de sua alegria, tem em mente sua vontade maior ainda de reerguer Jerusalém ao seu mais alto júbilo.

Divórcio

Apesar da Lei Judaica aceitar o divórcio, os rabinos ponderam muito antes de realizá-lo, pois, na maioria dos casos, pode ser evitado, com a paz voltando ao lar, bastando um mínimo de esforço, humildade e compreensão de ambos os lados. Nossos sábios dizem que quando um casal dissolve seu primeiro casamento até mesmo o Altar do Templo Sagrado derrama lágrimas, pois o Altar simboliza a união eterna e indissolúvel entre D-us e o povo de Israel. Se D-us nos suporta, apesar de todas as nossas falhas, com muito mais facilidade e um pouco de ponderação, cada um pode perdoar e aceitar as falhas do próximo e, principalmente, abaixar um pouco o orgulho e reconhecer os próprios erros.

Morte e Luto

Assim como há um modo de vida judaico, há também um completo ritual a ser realizado na ocasião da morte de uma pessoa. Uma *mitsvá* que tem procedência sobre quase todas as outras é a de providenciar enterro adequado para o cadáver judeu. No caso dos indigentes, é dever da comunidade providenciar este enterro. A *Chevre Kadisha* (sociedade funerária ou Irmandade Santa) assume os encargos assim que a morte ocorre. O corpo deve ser lavado de maneira especial e envolto numa mortalha. O caixão deve ser feito com os materiais mais baratos possíveis, em geral tábuas de pinho e deixando-se aberturas no fundo a fim de que o corpo possa ficar em contato com o solo. Segundo o ponto de vista judaico, o homem veio da terra e a ela deve retornar, e quanto mais rápido melhor. Em Israel, todos os sepultamentos são efetuados diretamente no solo. O corpo não deve ser deixado sozinho até que seja enter-

rado. A Lei Judaica proíbe ostentação nos funerais. Os homens são enterrados com o *talit* que usavam quando vivos. É proibido enterrar com o corpo objetos preciosos. É proibido ver o corpo. A razão para isto é garantir que todos os judeus sejam iguais na morte. Ao retornar do cemitério, a família começa a "sentar-se em *shivá*". Isto significa que os membros da família devem permanecer de luto por sete dias, dentro de casa, após o sepultamento.

Os vinte e três dias que se seguem a *shivá* são um período de semiluto também, e os trinta dias integrais são denominados *shloshim*. A lei judaica referente ao luto excessivo é explícita: não o permite. Há sete dias de luto extremo, e após eles, é proibido, exceto de modo muito relativo, uma vez que o luto após o período de *shivá* não é considerado saudável para os vivos. Usar roupas pretas, uma gravata ou tarja negra também é proibido, se o preto não for a cor que a pessoa usa sempre. A prece do *kadish*, parte essencial de todos os serviços de oração é dita pelos enlutados do sexo masculino durante um período de onze meses após o funeral. Essa oração não faz menção à morte, é um hino de santificação do Nome de D-us e só pode ser proferida na presença de um *minyan* (grupo de 10 homens). Constitui uma *mitsvá* positiva e importante o consolo aos que perderam alguém. Sem dúvida, a maneira judaica de fazê-lo é simplesmente aparecer na casa do enlutado, imediatamente, ou durante o período de *shivá*, e sentar-se fazendo companhia a ele.

Circuncisão – Brit Milá

Brit significa pacto e *Milá*, cortar ou retirar. Justamente, *Brit Milá* é o pacto que consiste em cortar e/ou retirar o prepúcio que cobre a extremidade do pênis, órgão reprodutor masculino. Também se denomina Pacto de *Avraham Avinu* (Abrão), pois foi ele o primeiro homem que o realizou como tal e dentro destas duas denominações se incluem todas as leis correspondentes a sua realização. Não é simplesmente uma operação física. É o sinal do pacto que realizou D-us com o Patriarca Avraham e sua descendência de ser o povo eleito espiritualmente para a eternidade, como mérito por ter sido o primeiro homem que promulgou a crença no único D-us existente: o monoteísmo.

Barou Bat Mitsvá

O termo *Bar Mitsvá* significa, literalmente, "filho de um mandamento", e *Bat Mitsvá*, "filha de um mandamento", o que alude a duas coisas: Um menino *Bar Mitsvá* ou uma menina *Bat Mitsvá* aspirar aproximar-se de D-us – como um filho ou filha a seus pais. O principal meio de fazer isso é mantendo os mandamentos ou as *mitzvót* que D-us revelou na *Torá*. De fato, o acontecimento mais significativo nesse dia é o compromisso do (da) jovem de se tornar totalmente responsável por manter os mandamentos da *Torá*.

De acordo com a *Halachá*, um menino é considerado um "*Bar Mitsvá*" quando completa 13 anos de idade e atinge o status de adulto. Já uma menina judia se torna "*Bat Mitsvá*" quando faz 12 anos. Nessa auspiciosa época, eles se tornam judeus adultos completos e são apresentados tanto com a oportunidade de crescer espiritualmente como com a responsabilidade de se tornar uma pessoa melhor. As meninas atingem o status de adultas um ano antes dos meninos porque, comumente, amadurecem física e emocionalmente antes deles, prontas para abraçar as exigências de uma vida adulta responsável. Quando meninos e meninas se tornam *Bar* ou *Bat Mitsvá*, eles atingem um novo estágio de desenvolvimento em suas vidas e começam a pensar sobre que tipo de pessoas querem ser. Na puberdade, uma pessoa não mais vive no mundo de fantasia da infância e pode começar a fazer uma avaliação realista de seu mundo. Esse é o momento quando a consciência moral e a sensibilidade se desenvolvem completamente, permitindo que elas tenham total responsabilidade por seus atos. De acordo com a tradição judaica, é nesse ponto que elas são consideradas prontas para canalizarem sua inclinação para o bem e sujeitarem suas tendências naturais de colocar sempre suas próprias necessidades antes das dos outros. Em um nível mais profundo, assim como seus corpos estão crescendo e ganhando novas formas, assim também suas almas estão crescendo e mudando. A tradição cabalística nos diz que o espírito de uma pessoa tem diversos níveis de alma. Um novo nível chamado *Neshamá* ganha consciência no momento do *Bar* ou *Bat mitsvá*. É esse nível que dá à pessoa a habilidade de tomar decisões conscientes e racionais.

TJ gaúcho condena neonazistas, mas promotoria propôs suspensão de pena

Entre os sentenciados estão os violentos agressores de Porto Alegre

Por unanimidade, a 5ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul manteve a condenação de Alexandro Fraga Carneiro por apologia ao nazismo e incitamento à discriminação e preconceito a grupos étnicos, raças, homossexuais, judeus, negros e outras minorias. O acórdão confirmou a sentença da 11ª Vara Criminal do Foro Central de Porto Alegre.

Segundo o Ministério Público, em meados de 2003, principalmente em junho e julho, em diversas oportunidades, de forma continuada e organizada, Alexandro e outros jovens praticaram e incitaram a discriminação, o preconceito de raça, cor e etnia e de religião. Os fatos ocorreram nas Avenidas Independência e Osvaldo Aranha, em Porto Alegre.

Os denunciados formaram a banda Zurzir, por meio da qual divulgaram e fizeram apologia, entre outras coisas, ao nazismo. Conseguiram, ainda, vender CDs, contendo uma melodia que também foi veiculada na rede mundial de computadores.

Segundo a autoridade policial, os denunciados agrediram várias pessoas, a quem discriminavam, utilizando tacos de beisebol. Em fotos apreendidas, em razão de ordem judicial, também aparecem fazendo a saudação nazista, bem como ostentando em seus próprios corpos tatuagens de suásticas e outros símbolos da mesma ideologia.

A pena de Alexandro foi arbitrada em 2 anos e 11 meses de reclusão, a ser cumprida em regime aberto, substituída por duas restritivas de direitos e 21 dias-multa, no valor unitário mínimo. As informações são do site oficial do TJ gaúcho.

A defesa de Alexandro Fraga Carneiro ingressou com apelação, postulando a absolvição. Para relatora do recurso, desembargadora Genacéia da Silva Alberton, “se de um lado a Constituição exaltou a liberdade de pensamento como um dos direitos fundamentais, ficou preservada também a dignidade humana, com repúdio à discriminação ou preconceito”.

O Ministério Público também denunciou mais sete jovens, aos quais

propôs a suspensão condicional do processo. Aceitaram a proposta Tiago Colisse Gonçalves, Israel Andriotti da Silva, Laureano Vieira Toscani, Daniel Ferreira Peçanha, Valmir Dias da Silva Machado Júnior, Adilson Lunardelli Pereira e Leandro Maurício Patino Braum. Pelo prazo de dois anos, eles terão que comparecer de três em três meses, em juízo, para informar e justificar suas atividades. Precisarão informar mudanças de endereço e não deverão se ausentar por mais de 30 dias. Efetuarão doação de cestas básicas, no valor de um salário mínimo. (Proc. nº 70012571659).

Na prática os integrantes da banda de rock nazista vão cumprir em liberdade suas penas. O jornalista José Roitberg, do Rio de Janeiro, que mantém o site Mídia Judaica Independente descobriu que Leandro Maurício Patino Braum, o Bitter, (apontado como o líder do grupo), Valmir Dias da Silva Machado Júnior, Israel Andriotti da Silva e Laureano Vieira Toscani, foram os 3 primeiros a ser presos e reconhecidos por testemunhas como os agres-

sores dos judeus que foram atacados na rua e esfaqueados em 6 de maio de 2005 em Porto Alegre, num caso de curta repercussão nacional em jornais e TV. Soube-se que a polícia tinha prendido mais três provavelmente estes outros três mencionados, e que algumas semanas depois todos tinham sido soltos para responder ao processo em liberdade.

Assim, criminosos comuns, mas de cunho racista, que praticaram tentativas de homicídio qualificado resultando em graves lesões corporais foram julgados apenas pela legislação anti-racismo e pela “propaganda nazista” que fazem (suas músicas continuam espalhadas pela internet, mesmo estando condenados) têm como pena pagar uma cesta básica e precisam se apresentar a cada três meses à Justiça durante dois anos. Quem tenta matar e esfaquear judeus está nas ruas. E enquanto isso, estão livres para tentar esfaquear judeus, negros e nordestinos para tentar matá-los nas ruas. Quem propôs a suspensão da pena foi o Ministério Público, a promotoria!

O que dirigentes e intelectuais árabes dizem sobre a Palestina

Por incrível que possa parecer, dirigentes e intelectuais árabes, negaram que os palestinos sejam um outro povo que não o árabe. Embora tenham língua, cultura, religião, costumes e história comum aos árabes, desde a Guerra dos Seis Dias, em 1967 quando Israel venceu e ocupou os territórios, os líderes árabes insistem que os palestinos são um povo à parte e que tiveram seu país — que nunca existiu como independente, a não ser no período dos reinos judaicos dos tempos bíblicos — substituído por Israel. Mas até aquela guerra que os árabes iniciaram — e perderam, como as guerras anteriores e posteriores — as afirmações eram bem diferentes. Confira.

“Jamais existiu uma terra chamada Palestina governada por palestinos. Os palestinos são árabes, indistinguíveis dos jordanianos (outra invenção recente), sírios, iraquianos, etc. Tenham em mente que os árabes controlam 99,9 por cento do Oriente Médio. Israel representa um décimo de um por cento das terras. Mas isso é demasiado para os árabes. Eles querem possuir tudo. E este é definitivamente o motivo do conflito com Israel... No importa quantas concessões de território os israelenses façam, nunca será suficiente”.

(Joseph Farah, “Mitos do Oriente Médio”).

“Não existe nenhum país que se chame Palestina. ‘Palestina’ é um termo inventado pelos sionistas. Não há nenhuma Palestina na Bíblia. Nosso país foi por séculos parte da Síria. ‘Palestina’ é alheia para nós. São os sionistas que introduziram este nome”.

(Auni Bey Abdul-Hadi, líder árabe sírio na Comissão Britânica Peel, 1937).

“Não existe nenhuma coisa chamada Palestina na história, absolutamente não”.

(Professor Philip Hitti, historiador árabe, 1946).

É de público domínio o fato de que a Palestina não é outra coisa senão a Síria meridional”.

(Representante de Arábia Saudita nas Nações Unidas, 1956).

“A única dominação árabe desde a conquista em 635 e.c. apenas durou como tal 22 anos”.

(Sobre a Terra Santa, declaração do chefe da delegação síria na Conferência de Paz de Paris, em fevereiro de 1919).

“Vocês não representam a Palestina tanto como nós. Nunca esqueçam este ponto: Não existe tal coisa como um povo palestino, não existe nenhuma entidade palestina, existe só a Síria. Vocês são parte integrante do povo sírio, e a Palestina é parte integrante da Síria. Portanto, somos nós, as autoridades sírias, os verdadeiros representantes do povo palestino”.

(O ditador sírio Hafez Assad ao líder da OLP Yasser Arafat).

Nem militantes, nem pobrezinhos: terroristas

Dori Lustron *

Estamos diante das portas de um novo conflito. Melhor dizendo, o velho conflito remocado. Os maus do filme se defendem. O mundo outra vez acusa Israel de se defender. Para eles teriam os judeus que deixar que os matassem... Que os Kassam continuassem caindo em sua terra e que outra vez fossem às câmara de gás como cordeiros ao matadouro... Nunca mais.

Mundo: nunca mais morreremos sem nos defender.

Um dos nossos garotos foi seqüestrado e para nós, os judeus, o valor de uma só vida é incalculável. Não enviamos nossos filhos para a morte. Os criamos para a vida. Queremos que Guilad volte para casa, são e salvo. Temos um garoto seqüestrado e se mobilizou todo um país para salvá-lo. É nisso que reside a diferença. Nisso está nossa distinção. Nosso povo educa os filhos para que vivam e não para que morram. Mas... É um problema para o mundo.... Somos judeus e para alguns não temos direito a nada. Não, não é uma paranóia coletiva que nos aflige. É a realidade. Cinco mil anos de história afiançam isso.

A imprensa como costumeiramente faz, vomita sua biles para demonstrar nossa "culpabilidade"... Mas qual? A de inventar que matamos uma família na praia quando na realidade foram eles? Se até os atendemos em nossos hospitais! E parede que os fragmentos que tiraram deles não eram de armamento israelense.

Com os bilhões de dólares que recebem não construíram sequer um hospital decente para sua população... É engraçado... Pedem assistência médica aos israelenses... E estes são tão "malvados" que a dão... os infiéis judeus construíram hospitais em vez de manter o povo na miséria.

Pedem a nós cordura e paciência... E mantêm um soldado seqüestrado!!! E ferido!!! Nós os conhecemos... E estão ávidos por sangue!!! Que paciência se pode ter... Por que temos que esperar? Que o

matem? Não. A paciência terminou. Não negociamos com o terror.

Milicianos... palavra que escrevem os jornais e que divulgam pela televisão... A ETA... militantes? Os Montoneros argentinos... milicianos? Bin Laden miliciano?

Pode a Espanha covarde falar de militantes quando eles não podem com eles próprios e cederam ante a Al Qaeda com o que houve em Atocha? Claro que sim... Zapatero deve o poder a Bin Laden... como não irá defendê-los?

Não senhores... Não são militantes... São terroristas... e o Hamas é considerado na Europa um bando terrorista... Então, o quê? Agora são bons por natureza? O Exército de Israel foi atacado primeiro e mataram dois soldados e seqüestraram outro. Chegaram à Base Militar por túneis.

Mas os terroristas palestinos tampouco são militantes. São terroristas. E matam civis em cada atentado. São eles ou nós. É a civilização contra a barbárie fanática. É o Oriente contra o Ocidente.

Aqueles que eles dizem ser civis mortos por Israel são terroristas. Israel cuida muito para não matar civis e se cai algum é por acidente. As crianças feridas ou mortas são porque os mandam à frente. É a insânia que os levou ao poder que detêm.

Têm o povo vivendo em campos porque os usam... Os usam como arma política.

Mundo... Estúpido e néscio mundo... Os estão comendo vivos e vocês estão cegos e surdos ante o perigo. Somos os únicos que enfrentam o terror.

Covardes! É mais fácil e como do acusar Israel de atacantes que ver sua própria realidade!

Isto é uma cortina de fumaça... Já se esqueceram do irão e seu poderio nuclear... Ahmadinejad festeja e lhes manda dinheiro para dispersar a atenção dos estúpidos infiéis... O enviado do profeta com delírios messiânicos pensa que está tranqüilo e cómodo para prosseguir sua obra.

Mundo... Estúpido e néscio mundo... Saímos de Gaza... e centenas de Kassams continuam cain-

do em Israel. Querem Israel inteiro... Querem a morte dos sionistas...

Querem o mundo inteiro muçulmano... E vocês não fazem nada para enfrentá-los. Só este nosso pequeno país com cinco milhões de judeus enfrenta o perigo.

E dizem que o perigo somos nós. Claro que sim... Porque em nós priva o cérebro e o coração e neles a ignorância e a irracionalidade.

Queremos Guilad em casa. Já mataram Eliahu Asheri, z'l. Que devolvam Guilad são e salvo. São carneiros e ameaçaram matá-lo diante das câmeras de TV e com armamento bacteriológico.

Mundo: armas bacteriológicas em poder de terroristas!!! E vocês acreditam que temos que nos deixar amedrontar por suas ameaças e não agir? A vida de nossos filhos depende disso. O Exército de Defesa de Israel (Tzahal) atua como consequência e na medida das necessidades do nosso país.

Saímos de Gaza desalojando nossa gente e com a dor que isso implicou. Demonstramos-lhes o que se poderia fazer no altar da paz. Em Israel, continuam caindo mísseis vindos de Gaza. Os líderes palestinos não querem a paz. Querem o desaparecimento de Israel. Negam-nos o direito de existir.

Enquanto eles não reconhecerem nosso direito à vida não haverá paz.

Mundo... Estúpido e néscio mundo. Israel está se defendendo. Enquanto vocês estão sendo invadidos pela torrente fundamentalista, Israel não permite seus abusos. Ou eles ou nós... Os árabes-israelenses convivem pacificamente em Israel e querem continuar assim.

São os fanáticos que vivem manejados pelos líderes e pela corrupção os que provocaram este conflito. Israel demonstrou que quer a paz... Eles são os que a rejeitam para alcançar seus objetivos.

Na medida em que os chamem de militantes e são defendidos eles se fortalecem. Não são milicianos... São terroristas.

Mundo... Desperta!!! Chegou o momento de agir.

O LEITOR ESCREVE

Agradecimento de novo leitor

Prezados senhores:

Em referência ao Visão Judaica, nº 47/ junho de 2006 Sivan/Tamuz 5766, sou-lhes grato pela lembrança de meu nome, na matéria "Retorno: O judeu nordestino David de Andrade".

A matéria somente me chegou às mãos em razão de um amigo aqui de São Paulo. Mas como se trata de periódico responsável, gostaria de acompanhar as suas publicações, a cada número, caso seja possível.

David de Andrade - São Paulo - SP

Exemplo pedagógico

Senhores editores:

Se o Brasil fosse um país decente e tivesse um governo patriota, faria como os israelenses (ver notícia publicada no jornal O Estado de S. Paulo sobre a operação que Israel desenvolve em Gaza e o sobrevoo de aviões israelenses no palácio do presidente sírio - <http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2006/jun/28/177.htm>) quando o índio boliviano Imorales nos roubou a Petrobrás (1,5 bilhão de dólares) em maio último. O morubixaba sujaria as calças e no dia seguinte mudaria de idéia e nos devolveria o que roubou.

Juceli Bianco - São Paulo - SP

Buscando origens

Amigos do VJ:

Gostaria de ter mais informações sobre meu sobrenome Toledano. Sei que é originado da cidade de Toledo na Espanha. Meu bisavô era judeu, passou pelo Peru, casou-se como uma peruana, e veio para o Amazonas. Obrigado.

Daniel Toledano - Por e-mail

Nota da Redação: Sugerimos ao leitor entrar em contato com a Livraria Sefer, em

São Paulo, para adquirir o livro "Dicionário Sefaradi de Sobrenomes", compilado por Guilherme Faiguenboim, Paulo Valadares e Anna Rosa Campagnano.

Judeus e células-tronco

Ao jornal Visão Judaica:

Gostaria muito de saber qual é a visão que os judeus possuem sobre as pesquisas realizadas com células-tronco, e suas possíveis utilizações. Preciso da resposta, pois se trata de uma pesquisa para a Universidade Católica de Goiás, onde estudo. Grato pela compreensão.

Klaudiane Teles - Goiânia - GO

Nota da Redação: Também já indicamos à leitora onde obter as informações.

Guarda de campo recebe pensão

Senhores:

Também os guardas dos campos de concentração têm direito de receber pensão como vítima de guerra. O Tribunal Federal alemão para assuntos sociais (BSG) admitiu o trâmite da reclamação de um homem de 83 anos de idade, de Karlsruhe, ao qual se havia denegado a pensão de vítima de guerra (118 Euros mensais) por ter sido vigilante do Campo de Extermínio de Auschwitz.

O Tribunal Federal considerou que as tarefas de vigilantes em um campo de concentração como um delito contra a humanidade, mas não quis excluir o aspecto de "obediência devida" e devolveu o caso à instância inferior. O octogenário havia solicitado em várias ocasiões a transferência para outro posto, com o que fez o possível para liberar-se do serviço ativo nos batallhões da SS.

É certo que não é o único caso que mantemos com nossos impostos. É bom que se divulgue o fato para que todo o mundo tome conhecimento dele.

Cláudia Roemer - Kassel - Alemanha

* Dori Lustron é licenciada em Letras, escritora, jornalista especializada em política externa e *hasbará* de Israel (esclarecimento), autora de músicas e cantora. Nascida em Buenos Aires, cresceu e estudou em Mendoza, Argentina. Emigrou para Israel em 2002 e vive em Nahariya. Ganhou o primeiro prêmio do certame literário latino-americano do Uruguai e Argentina com seu ensaio "Israel". Trabalhou entre 1981-1985 no Centro de Informação da Embaixada de Israel em Buenos Aires. Compôs canções e percorreu a Argentina cantando nas comunidades judaicas. Em Israel montou a Rede de Hasbará sob o lema "Juntos somos mais", unindo todas as páginas da internet que se dedicam ao tema, inclusive o site do jornal Visão Judaica (www.visaojudaica.com.br) para enfrentar a guerra midiática contra Israel. Participou como apresentadora de painel com a dissertação: "A Função dos Meios no Processo de Paz", no Congresso Mundial pela Paz realizado na Universidade de Haifa em julho de 2004. Participou do Festival de Arte de Jerusalém 2006, cantando sob o patrocínio da Prefeitura de Jerusalém em março. Colabora em várias publicações e administra a página na internet do site www.porisrael.org parceiro do Visão Judaica.

Para escrever ao jornal Visão Judaica basta
passar um fax pelo telefone
0**41 3018-8018
ou um e-mail para
visaojudaica@visaojudaica.com.br

quem, onde, quando...



- Nasceu em Londres, Eliezer Lipman, filho de Sandy e Rochel Dubrawsky, e neto do Rabino Yossef Dubrawsky e sua esposa Tila. Desejamos *Mazal Tov* a toda família e que tenham somente *naches*!
- Um expressivo grupo de *chaverot* Wizo-PR driblou o frio da noite de 29/6 reunindo-se na residência de Regina Brenner para despedir-se de Silvia Goldstein, que está se mudando para o Rio de Janeiro. Silvia levará no coração o carinho das companheiras e lindos castiçais de cristal para iluminar o Shabat, como recordação da Wizo Paraná.
- O Grupo Apoio Saul Schulman reuniu-se no dia 2/7 no Café De Lucca, para também se despedir da Silvia Goldstein. Emocionada, Silvia agradeceu o carinho dos amigos e disse que levará sempre consigo a lembrança desse grupo. Segundo ela, foi um privilégio conviver com pessoas tão interessantes, inteligentes, ativas e que provaram que o curitibano também é receptivo e caloroso!
- Em comemoração ao Dia dos Pais, a Wizo convida para uma Festa Grega, com direito a jantar típico, muita música e dança grega com quebra de pratos. Será uma noite de confraternização e muita diversão. Anote: 5/8/2006; 20h30 no CIP.

- Quando esteve em Curitiba, pela última vez, Clarinha Guelmann comentou que estava com vontade de fundar um grupo latino-americano da Wizo (Women International Zionist Organization, que atende crianças, jovens e famílias em situação de risco). O que era sonho tornou-se realidade.

Hoje, o grupo conta com 36 mulheres sendo a maior parte da Argentina, mas há pessoas do Brasil, Uruguai, Cuba e em breve do México. O segundo passo foi a escolha do nome para o Grupo. Por consenso foi escolhida a pessoa de "Ophira Navon", que foi uma grande ativista da Wizo e mulher do quinto presidente de Israel Itzak Navon, que por sinal, faleceu muito jovem de câncer, mas trabalhou até seus últimos dias.

Através de uma pessoa do Instituto Cervantes, e em seguida com a secretária do Presidente Navon, tiveram a ousadia de convidá-lo para a cerimônia de abertura e descerramento da placa em homenagem a sua mulher Ophira. Não só agradeceu como se sentiu honrado com a lembrança. Finalmente, no dia 6 de junho o sonho tornou-se realidade e a pacata cidade de Hadera virou notícia e Curitiba muito bem representada por uma de suas ativistas. *Mazal Tov*!

- Está de parabéns a comunidade judaica de São Paulo. Dentre 400 entidades participantes, 50 instituições conquistaram o prêmio "Bem Eficiente", premiadas como melhores entidades beneficentes da década, pela Kanitz & Associados. Entre elas estão 4 instituições judaicas: CIAM - Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar, Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista, Ten Yad - Instituição Israelita Ten Yad e Unibes.
- Professor Israel Blajberg, sócio-efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil foi agraciado com a Medalha Marechal Zenóbio da Costa, em solenidade realizada na sede da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, na Rua do Lavradio, Rio de Janeiro.

Juntas, são responsáveis pelo atendimento mensal, de mais de 10.000 pessoas, entre elas: pessoas com necessidades especiais, deficiência mental e distúrbios psiquiátricos; jovens com mais de 3 anos que recebem acompanhamento, até o momento de inserção no mercado de trabalho, com apoio psicológico e pedagógico, oficinas de capacitação profissional, assistência médica e odontológica, atividades esportivas, oficinas musicais e de diversas modalidades de dança e artes plásticas, aulas de culinária, informática e idiomas; união de esforços na luta contra a fome, oferecendo mais de 600.000 refeições, além de distribuir mais de 200 toneladas de gêneros alimentícios.

É a isto que chamamos de "tsedacá". São Paulo nos orgulha!

O Diretor Cultural da Associação, tenente Melchisedec Afonso de Carvalho, fez entrega do diploma alusivo, concedido a personalidades que contribuíram para a preservação da memória dos feitos dos ex-combatentes brasileiros da II Guerra Mundial.



O Grupo Apoio de Curitiba realizou dia 19/6, uma homenagem ao sempre lembrado e querido companheiro Saul Schulman z'l, com a participação especial dos meninos cantores de Angola que compuseram uma música especialmente para esta ocasião. O salão do CIP esteve lotado.



José Mindlin

José Mindlin, um dos mais destacados e prestigiados intelectuais da comunidade judaica, foi indicado para a cadeira 29, da Academia Brasileira de Letras, que pertenceu ao escritor Josué Montello durante 52 anos. Com 92 anos, Mindlin é considerado o maior bibliófilo do país. Sua biblioteca particular em São Paulo tem hoje cerca de 45 mil volumes, dos quais dez mil são raros e dois mil raríssimos e que se tornará pública graças a um acordo com a USP.

A boa notícia da família Mindlin veio seguida de outra ruim. Lastimamos o falecimento da esposa de José Mindlin, Guita. Eles estavam casados havia 70 anos. Mais do que a duração do casamento o que mais impressionava neste casal era a paixão em comum pelos livros. Ele montou uma das bibliotecas mais extraordinárias do Brasil. Ela se especializou na encadernação e restauro dos volumes.

Guita Mindlin completaria 90 anos no dia 2 de agosto. Ela fundou a Sociedade Brasileira de Encadernação e Restauro (SBE), apoiada pela Escola Theobaldo Nigris, entidade que formou na arte do restauro de livros 150 alunos em apenas cinco anos.

- Os 30 anos da ANAJUBI - Associação Nacional de Advogados e Juristas Brasil-Israel foram comemorados no CIB, no Rio, numa cerimônia que contou com uma palestra do ex-chanceler Celso Lafer sobre a luta de Simon Wiesenthal z'l para levar os criminosos nazistas da Segunda Guerra Mundial à justiça.
- Outra perda lamentável foi a do empresário Maurício Novinsky, grande incentivador do trabalho de sua esposa, a professora Anita Novinsky, um dos maiores nomes de destaque internacional quando o assunto é Inquisição, cristãos-novos e estudos da intolerância.

Celso Lafer recebeu a medalha comemorativa entregue pelo ministro Waldemar Zveiter, e o primeiro presidente da ANAJUBI, o desembargador Semy Glanz recebeu uma placa, pela ocasião, das mãos do novo presidente da associação, Nilton Aizenman. O coordenador de comunicação da ANAJUBI, Jacksohn Grossman, entregou uma placa pelo evento ao presidente da FIERJ e vice-presidente da Conib, Osias Wurman. Carlos Schlesinger permanece como vice-presidente da ANAJUBI.

O evento foi patrocinado pela FIERJ, Chevra Kadisha, Banco Leumi e Banco Cédula. Após a cerimônia foi servido coquetel.

- Esteve em Curitiba para ministrar o Curso "Estudos Avançados da Mística Judaica - Kabala", o professor Nachman Falbel, titular da cátedra de História Medieval da USP, diretor de Pesquisas do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, e autor de vários artigos e livros, entre eles "Os Espirituais Franciscanos" e "Kidush Hashem: Crônicas Hebraicas Medievais sobre as Cruzadas". O evento foi promovido pelo Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman.
- Em junho último, Marisa W. Blinder comemorou mais um aniversário com um grupo de amigas, num jantar onde predominou o alto astral. Até os 120 anos com toda esta alegria. *Mazal Tov*!



Sala da guarda do Museu da Prisão procura retratar exatamente o ambiente da época



Hospital da prisão, outro aspecto terrível dos tempos difíceis, que pode ser visto no Museu da Prisão



Fortaleza do tempo dos cruzados em Akko. As pedras maiores indicam o que era do tempo dos cruzados e as menores o período turco



A muralha de Akko junto ao Mar Mediterrâneo



Akko vista do mar com as mesquitas emoldurando a paisagem

Akko - 1

Antônio Carlos Coelho *

Akko, localizada cerca de meia hora de carro, partindo de Haifa para o norte, é uma das cidades mais pitorescas de Israel. Akko ou Acre, bem que poderia servir de cenário para filmes. Ela mantém quase que intacta a arquitetura de diferentes períodos da sua história. Foi testemunha da passagem de tantas civilizações conquistadoras que, como Jerusalém, preserva em suas pedras o som das pessoas e das lutas que testemunhou.

Cercada com uma impressionante muralha contra o mar, guarda em seu interior uma cidade de contrastes. Na beira-mar, encontramos hotéis modernos, sofisticados e também, os mais simples, mas bons e com uma comida fantástica, principalmente no *Shabat*.

Akko é citada na história desde o tempo do faraó Tutamôsis III, século 15 a.e.c. Por estar situada num ponto de interesse para o controle militar e comercial foi tomada por inúmeras vezes por líderes de nações poderosas da antiguidade: os assírios no ano 700 a.e.c., Alexandre Magno no ano 332 a.e.c., depois os Ptolomeus (do Egito) e os romanos. Akko passou a pertencer ao império bizantino até cair nas mãos dos árabes no século 7. Em 1104, o rei Balduino I de Jerusalém capturou a cidade dos muçulmanos, permanecendo ela sob o domínio dos cristãos por 83 anos, até serem derrotados por Saladino. Mais tarde os europeus reconquistaram a cobiçada cidade e deram a ela muito do que vemos hoje na sua arquitetura, como exemplo, a murada na orla marítima. No final do século 13 os sarracenos (mourões) tomaram a cidade permanecendo até o domínio otomano em 1517. E foi, durante o período dos otomanos que Napoleão tentou, em vão, conquistar Akko.

Durante o mandato britânico uma antiga fortaleza cruzada foi transformada na prisão central do Oriente Médio. Atualmente, é um



O porto da cidade e as mesquitas ao fundo: marca da presença muçulmana

museu onde se pode conhecer o dia-a-dia dos prisioneiros que ali permaneceram. Muitos desses eram membros da resistência judaica, inclusive Ze'ev Jabotinsky e membros do Ir-gun, conforme relatado no livro *Exodus*, de Leon Uris e, também, no filme do mesmo nome. Documentos e fotos ali exibidos contam muito da história da formação do novo Estado de Israel.

Ao norte, junto à rua Napoleão Bonaparte, temos a muralha que recebeu o nome de El Jazzar, Pacha de Akko, responsável pela defesa da cidade em 1799, quando Napoleão tentou conquistá-la, frustrando assim, seu desejo de fundar um império no Oriente. Contornando a muralha chega-se ao Jardim do Fosso, situado na base da construção. Logo em seguida, no sentido leste, há o Mercado Branco, construído pelo sheik beduíno, Dahr el-Omar, no século 18.

Muito se tem a falar dessa cidade ocupada nos tempos bíblicos pelos filhos de Asher. Na próxima edição continuarei escrevendo sobre Akko, pequena e pitoresca cidade do norte do litoral de Israel, que conta, em sua arquitetura, a dramática história da relação entre o Oriente e o Ocidente.

* Antonio Carlos Coelho é professor, diretor do Instituto Ciência e Fé, e colaborador do jornal Visão Judaica.

**Inédito,
a Bíblia Hebraica
em português!**



por David Gorodovits
e Jairo Fridlin

Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das fontes judaicas



Alameda Barros, 893 - 01232-001 São Paulo SP
tel 11 3826 1366
www.sefer.com.br

aberta de 2ª a 5ª, das 9 às 19h; 6ª e véspera de feriados judaicos, das 9 às 16h



(com informações das agências AP, Reuters, AFP, EFE, jornais Alef na internet, Jerusalem Post, Haaretz e IG)

Mais de mil protestam contra o Irã

A B'nai B'rith da Alemanha participou da organização e do protesto, que reuniu mais de mil pessoas em Nuremberg, onde a seleção de futebol iraniana estreava na Copa do Mundo. A manifestação contra o regime iraniano e o presidente Mahmoud Ahmadinejad objetivou mostrar que o Irã não é apenas uma ameaça para Europa e para Israel, mas para todo o mundo, e que a Alemanha não aceita a negação do Holocausto, nem a posição do governo do Irã de que o Estado de Israel não tem direito de existir. O primeiro-ministro da Baviera, Günter Beckstein disse: "Deixamos claro que a Baviera e a Alemanha, como o resto do mundo, estão ao lado de Israel e dos judeus". Muitas bandeiras israelenses tremulavam na multidão, da qual participaram políticos alemães e dissidentes iranianos que carregavam também bandeiras do país de antes da revolução. (B'nai B'rith Europa).



Protesto contra o Irã na Copa do Mundo

Israel lucra com bandeiras do Irã

Uma empresa têxtil israelense aumentou sua produção desde o início da Copa do Mundo graças à enorme demanda de bandeiras iranianas proveniente dos países islâmicos, devido à participação do Irã na Copa deste ano. Segundo o diário econômico *The Marker*, a empresa de Kfar Saba, em Israel, especializada na produção de bandeiras, aumentou seus ganhos graças à participação da seleção do Irã nos jogos da Alemanha. Um dos dirigentes da empresa explicou que diante da enorme demanda de bandeiras, os fabricantes egípcios e jordanianos não puderam abastecer todo o mercado e pediram ajuda urgente à companhia israelense para satisfazer os torcedores. (Agência Ansa).

Jogadores de Gana e Israel

Os ganenses John Pantsil e Emmanuel Pappoe comemoraram a vitória sobre a República Tcheca (2 x 0) com uma bandeira de Israel, no meio e no final da partida disputada dia 17 de junho na Copa do Mundo. Os dois jogam futebol em Israel. Pappoe, que ficou no banco, pertence ao Hapoel Kfar Saba, e Pantsil, que fora escalado para a partida, joga no Hapoel Tel Aviv. Após o jogo, explicitou o carinho que sente por Israel: "Eu amo os torcedores de Israel e por

isso resolvi fazer essa homenagem com a bandeira. Jogo pelo Hapoel e já defendi o Maccabi Tel Aviv e todos os torcedores sempre me deixaram muito feliz. Eu quero fazer o mesmo por eles". (*Jornal Alef*).

Acaba o boicote britânico

Acabou o boicote acadêmico declarado em maio pelos membros do NATFHE maior sindicato acadêmico da Grã-Bretanha a professores e instituições de ensino israelenses que não declarassem publicamente seu repúdio à política israelense em relação aos territórios. No dia seguinte à resolução, 30 de maio, a AUT (Associação de Professores Universitários), segundo maior sindicato da categoria, anunciou que não endossava a resolução e advertiu seus membros para não implementá-la. A União dos dois sindicatos em uma nova associação denominada UCU fez com que o boicote terminasse. A ministra israelense da Educação, Yuli Tamir, disse ser necessário reforçar o relacionamento entre Israel e a Grã-Bretanha para evitar que isto se repita. (*Jerusalem Post*).

Croácia e incidentes anti-semitas

O presidente do Congresso Judaico Europeu conclamou a Croácia a adotar leis severas contra o anti-semitismo, após uma série de incidentes com os judeus no país. Pierre Besnainou disse que na União Europeia à qual a Croácia espera juntar-se em 2009, temos cada vez mais leis contra o anti-semitismo e esperamos que a Croácia adote tais leis para que os responsáveis pelos incidentes possam ser punidos. Recentemente a comunidade judaica croata recebeu duas cartas com ameaças, negando o Holocausto e ofendendo os judeus. E, em Zagreb, a assistente do rabino Zvi Eliezer Aloniev foi empurrada e atacada verbalmente por um grupo de *skinheads* que usavam símbolos nazistas. O país possui legislação punindo a glorificação do nazismo e do fascismo. (B'nai B'rith Europa).

Filme israelense premiado

O filme israelense "Que Lugar Maravilhoso" foi o grande vencedor da 22ª edição do Festróia, ao ganhar o Golfinho de Ouro como Melhor Filme e o Golfinho de Prata para o Melhor Realizador. O filme de Eyal Halfon, segue quatro histórias cruzadas, tentando alertar para a importância do contacto e da compreensão interétnica nas relações humanas e o tratamento discriminatório de que são alvos os imigrantes que fazem os trabalhos que mais ninguém quer fazer num país. O Festival de Cinema de Festróia que acontece anualmente em Setúbal, Portugal este ano contou com a participação de 180 películas representando 48 países. O objetivo principal do Festróia é mostrar ao público português os filmes que em geral não passam nos circuitos comerciais. (C7nema.net).

Israel não é responsável pelas mortes

Uma comissão do Exército israelense investigou a morte de sete civis palestinos numa praia na Faixa de Gaza. A hipótese provável é a de que as mortes foram causadas pela explosão de uma mina para evitar uma infiltração terrestre por parte dos israelenses. Segundo as investigações, as marcas dos feridos palestinos que foram levados a hospitais israelenses mostram que os explosivos não foram fabricados em Israel. Antes disso, enquanto jornais israelenses noticiavam que o primeiro-ministro Ehud Olmert ordenou a apuração dos fatos e pediu desculpas aos palestinos, os jornais brasileiros publicaram que Olmert disse estar 'arrependido', como se tivesse sido um ato premeditado! (*Jerusalem Post/El Reloj.com*).

Casal homenageado: 'Justos entre as Nações'

Na primavera de 1939 um casal deixou seus filhos nos EUA e partiu para a Europa ocupada pelos nazistas, onde salvou mais de 2.000 pessoas, muitas das quais judias, entre outros perseguidos pelo regime, mesmo sendo seguidos de perto pela Gestapo. Waitstill Sharp, ministro religioso da Igreja Unitária, e sua esposa Martha, assistente social, foram para Praga, onde estava a sede mundial da instituição a qual pertenciam, estabelecendo uma rede subterrânea de voluntários e agências para ajudar os refugiados a deixarem a cidade. Guiados pela fé e humanitarismo, viajaram pela Europa pressionando autoridades de embaixadas a fornecerem documentos de emprego, necessários para emissão de vistos de emigração. A homenagem, com o título de 'Justos entre as Nações', é outorgada pelo Yad Vashem, Museu do Holocausto. (*Jerusalem Post*).

Suprema Corte rejeita apelação

A Suprema Corte de Justiça de Israel rejeitou recurso apresentado por um torcedor de futebol condenado por um juizado de Jerusalém por ter gritado "Morte aos árabes" contra um jogador dessa origem durante uma partida de futebol. Um juiz havia condenado o jovem a 250 horas de serviços comunitários e a pagar uma multa de 1.000 shekels pela agressão verbal feita a partir das arquibancadas do estádio. O tribunal recusou a apelação com o argumento de que o grito de 'morte aos árabes' é uma expressão racista e perigosa. O presidente de turno do tribunal, Edmond Levy, sustentou na sentença que "deve-se condenar sem pretexto esse tipo de expressões e combatê-las desde sua raiz". (*Jornal Aurora*).

Suprema Corte II

Quatro anos atrás, Shmuel Tahan, torcedor do Betar Jerusalém foi acusado e processado por incitação ao racismo e à violência no Estádio Teddy. Tahan apelou da medida dizendo que a polícia o tinha discriminado, já que outros torcedores do Betar Jerusalém gritaram lemas similares contra os árabes, mas só ele foi preso. Após a recusa da Corte de Apelação de Jerusalém, o acusado peticionou à Suprema Corte. O juiz Levy disse que "desafortunadamente os gritos de morte aos ára-

bes é algo que está se tornando comum nos campos de futebol e os torcedores muitas vezes perdem o controle". Tomando como caso particular a punição exemplar tomada contra Tahan, Levy ressaltou: "Devemos tomar todas as precauções e decisões possíveis para erradicar o fenômeno do racismo no esporte, ainda que tenhamos que castigar as centenas de torcedores que cometem esse e outros tipos de atos xenofóbos". (*Jornal Aurora*).

Justiça para Iara Iavelberg



Iara Iavelberg

Iara Iavelberg, militante judia que se levantou contra o regime militar, foi morta em 20 de agosto de 1971. A versão oficial de que Iara havia se suicidado, fez com que seu caixão, entregue à família lacrado, fosse enterrado sem nenhum ritual religioso, no local destinado aos suicidas no Cemitério Israelita do Butantã, em São Paulo. Trinta e cinco anos após muita luta, seus restos mortais foram enterrados de maneira digna, em cerimônia conduzida pelo rabino Henry I. Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista - CIP. (Conib).

Iara e a vitória moral da liberdade

"Foi realmente uma importante restituição póstuma da dignidade de Iara. Trinta e cinco anos após sua morte trágica, conseguimos corrigir a desonra à qual Iara foi submetida por ocasião de seu sepultamento em 1971. Ela não foi vítima de si própria", destacou o rabino Sobel no Cemitério Israelita do Butantã, que acrescentou: "foi vítima da crueldade de um regime militar ditatorial. Na presença de parentes e amigos de Iara, celebramos a vitória moral da liberdade". Finalmente, Iara poderá descansar em paz. (B'nai B'rith).

Mais dois sequestros

Oito soldados israelenses morreram num ataque dia 12/7, quando terroristas do Hezbollah invadiram o norte de Israel e capturaram dois soldados perto da fronteira. Em resposta, forças israelenses entraram no sul do Líbano em busca de seus militares. Doze israelenses foram feridos nos ataques, dois deles gravemente. O Hezbollah disparou mísseis e obuses e o Exército israelense revidou com a artilharia contra alvos da organização. Os Katyusha caíram em várias localidades no norte de Israel, atingindo a cidade de Zarit e provocando um incêndio em Shtula, e também em Haifa. O ministro da Defesa de Israel, Amir Peretz, considera o governo libanês diretamente responsável pelo destino dos dois soldados israelenses que Hezbollah capturou. "O governo libanês será responsabilizado pelas consequências do ataque", disse. Para o primeiro-ministro israelense, Ehud Olmert, "o ataque do Hezbollah na fronteira é um ato de guerra do Líbano" e prometeu uma "ampla e muito dolorosa" resposta militar. (*O Globo/The Jerusalem Post*).

Na vida de Avraham e Sarah está toda a vida do povo judeu

Sonia Bloomfield Ramagem *

O história do povo judeu é uma história que não obedece às mesmas leis que regem outros povos, é a história de seres humanos que aceitaram a difícil tarefa de serem luz entre as nações. É uma história feita por pessoas de carne e osso, não por forças impessoais da história. A história judaica inicia-se com Avraham (Abraão) e Sarah, e em suas vidas e nas de Yitzhak (Isaac) e Yaakov (Jacob) encontram-se os padrões do passado, do presente, e do futuro judaico.

Avraham nasceu no ano 1948 após a Criação, o mesmo número da fundação do Estado Judeu moderno. Avraham e Sarah nasceram em um mundo pagão, na Mesopotâmia de Nimrod, o precursor de Hitler, Stalin, e tantos outros que quiseram destruir o povo judeu.

Ambos tiveram vidas difíceis: Avraham era pobre, perseguido por Nimrod, não aceito por seu próprio pai, e Sarah era infértil. Abandonaram sua terra de origem em busca da Terra Prometida, e passaram a vida como nômades, como depois os judeus se tornaram com os exílios que sofreram, sempre sozinhos, mesmo quando estavam bem dentro de outras sociedades.

IVRI é mais que o termo geográfico "o que vem do outro lado do rio", IVRI é aquele que está só em um lado quando todos estão na outra margem. Avraham e Sarah iniciaram um povo pequeno, mas um povo cuja influência no mundo em muito superou seus números populacionais. Num mundo caracterizado por Sodoma eles criaram a Civilização, e neste um mundo cruel, que gerou mais de 100 milhões de mortes apenas no século 20, os judeus ainda existem em perigo por serem a consciência da humanidade. A tarefa de Avraham, e do povo judeu, continua ser a de salvar Sodoma de si mesma, de sua crueldade, de seus vícios, de sua imoralidade.

Avraham e Sarah tiveram Yitzhak como filho, mas Avraham também gerou Ishmael (Ismail). Yitzhak e Rivka (Rebeca) também viveram sós, cercados por um mundo hostil, e geraram Yaakov (Jacob) e Esav

(Esaú). Ishmael e Esav, irmãos de nossos patriarcas, geraram povos que seriam inimigos dos judeus. Yitzhak e Yaakov durante suas vidas sempre caminharam em terreno explosivo, buscando viver nos mundos de seus parentes consanguíneos - Yitzhak com seu meio-irmão Ishmael, Yaakov com seu irmão-gêmeo Esav, também com Lavan (Labão), seu tio materno - sem deixarem de ser quem eram. Assim vemos mais um padrão que se repete ao longo da vida judaica: o destino do povo judeu é viver sozinho como Yitzhak e Yaakov em um mundo de Ishmael, Esav e Lavan.

Há um terceiro padrão, que é a característica decisiva do povo judeu, que briga entre si fortemente pelo que acredita ser o correto, são "cabeças-duras". O embrião desta atitude encontra-se entre os filhos de Yaakov, fundadores das 12 tribos de Israel, que tentaram matar seu irmão Yosef (José) e, posteriormente o venderam como escravo por não aceitarem suas previsões de que seria o primeiro entre eles. A história é conhecida: Yosef tornou-se vice-faraó, seus irmãos tiveram que migrar para o Egito em função de uma seca, tornaram-se pessoas importantes naquele país, até que veio a escravidão, e finalmente conseguiram ser libertos sob a liderança de Moshe (Moisés) Rabeinu, muito embora uma boa parte dos hebreus tenha decidido permanecer no Egito, e acabou desaparecendo como povo. Tiram os destes fatos três conclusões: a primeira é a de que ser "cabeça-dura" foi uma vantagem naquela situação, pois sem tal característica o povo não teria sobrevivido enquanto povo; a segunda conclusão é a de que todos os exílios começam bem, mas quando os judeus tornam-se integrados demais, patriotas exagerados, vem a queda e a perseguição, o escravizamento; e, a terceira conclusão é que o povo judeu é sempre pequeno em número, devido à perda de seus integrantes por destruições externas e por processo assimilatório.

O quarto padrão que se repete na história judaica é o ceticismo do povo judeu, iniciando-se com a risada de Sarah ao ouvir que engravidaria já com mais de noventa anos, pelos hebreus que não acreditavam que conseguiriam sair do Egito, e que

se rebelavam contra Moshê Rabenu mesmo após testemunhar os milagres que foram feitos através de seu intermédio. Este ceticismo, sempre reforçado pelas tristes experiências que o povo viveu ao longo de sua história, é positivo, pois testemunha a veracidade do acontecimento da Revelação Divina no Sinai, pois, sendo o povo cético por natureza, não aceitaria a veracidade de tais fatos, e não teria percorrido o deserto em busca da Terra Prometida.

Este é o quinto padrão da história judaica, a ligação indissolúvel com a terra escolhida não pelo homem, mas sim por Hashem (D-us). A terra já era habitada por povos beli-

cosos, o solo era árido, havia poucas fontes hídricas, e os hebreus teriam que conquistá-la através de batalhas contra outros homens e contra a natureza. Seria mais fácil desistir e procurar locais menos áridos para se viver, mas foi lá que o povo se estabeleceu e onde trabalhou arduamente para mantê-la, formando uma conexão tão forte que seria capaz de sobreviver a mais de 1900 anos de exílio, uma conexão que faz com que o judeu ao colocar os pés pela primeira vez em Israel sinta uma sensação de *dejá vu*, de já ter estado lá, impressa em sua memória genética.

*** Sonia Bloomfield Ramagem é PHD e professora da Universidade de Brasília. Observação: muito deste trabalho foi extraído das lições do Rabino Babel Wein, rabino, historiador, Rosh Yeshiva, e criador da Destiny Foundation: www.rabbiwein.com**

Ação foi planejada de modo a evitar danos à população civil

A resposta de Israel ao ataque terrorista vindo de Gaza foi planejada de modo a evitar a morte de civis, mas também tem o propósito de pressionar o governo da Autoridade Palestina dirigido pelo Hamas, no sentido de conseguir a libertação de Gilad Shalit, e cessar o lançamento de foguetes Kassam contra as cidades israelenses. O fato de os terroristas palestinos continuarem a manter Shalit preso e dispararem foguetes Kassam de Gaza, apesar da operação das Forças de Defesa de Israel, indica a natureza gradual e não desenfreada da resposta israelense.

Shalit foi seqüestrado quando prestava seu serviço militar em território israelense, guardando cidadãos israelenses de ataques hostis. Os prisioneiros cuja libertação está sendo exigida pelos seqüestradores terroristas, são terroristas, devidamente condenados e sentenciados nas cortes israelenses por crimes contra civis israelenses. Muitos são assassinos. Não existe uma equação moral entre trocar um grande número de assassinos terroristas por um militar israelense. Ceder à extorsão terrorista os encorajaria a cometer outros seqüestros no futuro.

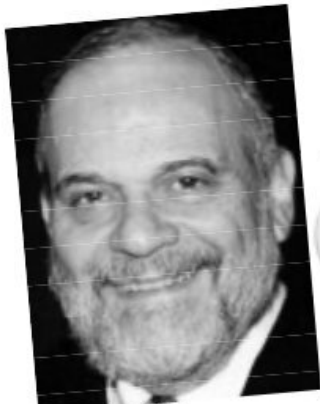
O seqüestro de um soldado justifica a criação de uma crise em toda a região? O seqüestro é o sintoma, não a causa da crise. A região está em crise devido à recusa contínua dos palestinos em cumprir sua obrigação frente à comunidade internacional para acabar com o terrorismo, e do fato do governo do Hamas não reconhecer Israel e os acordos já assinados entre Israel e os palestinos.

Ao contrário do que se têm dito, não existe "crise humanitária" na Faixa de Gaza. Todos os suprimentos passam pelas passagens sob supervisão israelense. E sabe-se a quan-

tidade de suprimentos básicos disponíveis para a população palestina. Por exemplo, há farinha de trigo suficiente na Faixa de Gaza hoje para durar mais de um mês, e os postos de gasolina de Gaza têm mais de 1,3 milhões de litros de diversos combustíveis. Dezenas de caminhões passam por Karni levando suprimentos de alimentos e remédios para a população de Gaza todos os dias. Esses procedimentos têm sido realizados apesar de inúmeras tentativas de grupos terroristas de atacar esses locais.

Os terroristas palestinos fabricam, armam e tendo como alvo civis israelenses, disparam foguetes do meio de sua própria população. São eles mesmos que trazem sofrimento ao seu próprio povo, usando-o como escudos para seu terrorismo. Entretanto, deve-se lembrar que foi o próprio povo palestino quem elegeu um governo dirigido pelo Hamas, uma organização terrorista assassina que assumiu cumplicidade tanto nos ataques de foguetes como no seqüestro de Gilad Shalit. Quando Israel precisa defender-se da violência do Hamas, o povo palestino também tem um certo grau de responsabilidade por sua escolha.

Como um estado judeu, Israel sempre espera por uma solução pacífica para o conflito. As negociações são sempre melhores do que a luta e são eventualmente, a maneira para se chegar a um acordo. A comunidade internacional já estabeleceu os termos para a Autoridade de Palestina e o governo do Hamas voltarem ao processo de paz: cessar o terrorismo, reconhecer o Estado de Israel e concordar com os acordos prévios estabelecidos. Israel ainda tem esperança de que os palestinos concordem e retornem ao processo de paz.



Rabino Berel Wein

O Judaísmo nunca teve medo da democracia

Por quase 2 mil anos a original fé monoteísta a abraçou e se aperfeiçoou

Berel Wein *

Tendo sobrevivido às eleições israelenses com todas as incertezas que todas as eleições apresentam aos chamados vencedores e perdedores, talvez esteja na hora de dar uma olhada no processo democrático das eleições a partir de uma perspectiva da história judaica.

À primeira vista o Judaísmo não parece favorecer o processo eleitoral para a escolha de seus líderes. Moisés foi escolhido por D-us para liderar Israel, mas não por algum tipo de voto popular. O sacerdócio — a condição de ser *kohanim* (plural de *kohen* [coanita, classe sacerdotal dos antigos hebreus]) foi reservada para Aarão e seus descendentes, também através de ordem religiosa. Josué foi designado por Moisés, novamente sob as instruções de D-us, para sucedê-lo como líder do povo. Os Juizes, porém, eram autodesignados, mas alguns deles como Yiftach, Gideão, Avimelech e até mesmo Sansão foram popularmente confirmados por causa de suas façanhas na defesa de Israel contra seus inimigos.

A mais forte objeção a um poder autorizado, a monarquia dinástica, foi efetivada pelo grande profeta Samuel. Ele contestou a forma pela qual o povo exigia um rei para governá-lo “da mesma maneira que todas as outras nações”. Saul provou a si próprio que foi falho e um monarca deficiente e só David provou ser o rei ideal de Israel. Até mesmo seu filho, Salomão, ao término de se governo já não era visto favoravelmente e o registro dos reis de Israel e Judá, até mesmo aqueles quer foram ungidos pelos profetas de D-us, provaram ser negativos ou no melhor dos casos irregulares.

O período inteiro do Segundo Templo, só com exceções raras, viu reinados tirânicos e corrupção em níveis elevados.

Foi no campo do estudo da Torá que as idéias e os ideais democráticos ganharam força. Um le-

nhador como o grande sábio Hillel pode tornar-se o *nassi* — o líder do Sinédrio e da *yeshivá* (academia rabínica). Decisões *halachicas* (direito religioso judaico) foram tomadas através da maioria de votos. Raban Gamliel foi temporariamente deposto do cargo de *nassi* — *impeachment* se você quiser assim — por causa do seu comportamento antidemocrático para com outros eruditos. O rabino Elazar ben Azarya abriu a academia de estudos à frequência de todos e não só da elite ou dos aristocratas.

Os diretores das principais *yeshivás* (academias rabínicas) da Babilônia, durante o período de composição e edição do Talmude, eram escolhidos pela opinião popular entre os estudantes e os outros doutos acadêmicos. As *yeshivás* da França durante o período de Rashi, o maior dos comentaristas bíblicos, eram notáveis por suas abertura, franqueza e tolerância das visões e dos estilos discrepantes.

Subsequentemente durante o exílio europeu não houve realmente nenhum governo judeu independente (com exceção talvez limitada ao Conselho das Quatro Nações no décimo sexto, décimo sétimo e parte do décimo oitavo séculos na Europa Oriental) os líderes judeus eram esco-

lhados e reconhecidos por aprovação popular e aclamação. As eleições, ainda que frequentemente gerassem discordância e contenciosos, foram mantidas para a escolha dos rabinos das comunidades. Até mesmo os líderes seculares das comunidades estavam sujeitos à aprovação popular e sempre enfrentaram a ameaça de revogação dos cargos se a população estivesse suficientemente insatisfeita com suas administrações.

Nas *yeshivás*, os estudantes quase “reinavam no poleiro” decidindo quais deveriam ser os principais acadêmicos que fariam as conferências e liderariam as instituições. A história das *yeshivás* da Europa Oriental sempre foi marcada por incidentes de revoltas de estudante e os estudantes sempre tiveram a opção de “votar com seus os pés” e deixar uma instituição para estudar em outro lugar.

O mundo *chassídico* foi durante seu primeiro século ferozmente “meritocrático”. Os opositores do chassidismo escarneceram do mundo chassídico do século dezoito, afirmando que “se alguém diz que é um *rebbe*, então ele é um *rebbe*!”. Porém, até certo ponto esta era uma forma de elogio indireto ao chassidismo, abrindo o campo de participação na arena pública do Judaísmo.

mo para milhões que não podiam obter os padrões da elite para os elevados estudos judaicos. Foi só na metade do décimo nono século que o chassidismo se tornou predominantemente dinástico, apesar de que nesse espaço de tempo permitiu-se criar novas dinastias que se tornaram populares.

No século vinte, a vida judaica foi governada quase completamente por eleições, e diferentes partidos faziam campanha continuamente — uma situação que obviamente pertence hoje ao nosso Estado de Israel.

Em todas as facetas do mundo judaico, dominava a opinião popular, para sempre ou para o melhor. Muitos dos grandes líderes religiosos do mundo da Torá não foram pessoas que ocupavam cargos públicos principais, mas eram antes pessoas que foram eleitas “para ser seguidas por reconhecimento ou aclamação popular”. A vida judaica é por esta razão bastante democrática, e qualquer um poderia dizer até mesmo muito democrática por isso tender a ser turbulento e caótico.

Mas como Winston Churchill disse uma vez: “A Democracia é um modo terrível e ineficiente de governar. Mas é longe melhor que qualquer outra forma de governar que o homem até agora inventou”.

Israel tem sistema de defesa contra possível ataque do Irã

Elias L. Benarroch *

Base de Palmachim (Israel) — O Exército israelense garante que o seu sistema de segurança Hetz (Seta) é a única resposta efetiva do mundo contra um ataque de mísseis do Irã.

“Nosso objetivo neste momento é proteger os centros urbanos, mas no futuro, teremos um ‘guarda-chuva’ hermético contra qualquer ataque de mísseis terra-terra”, afirmou o major Eliakim Blaier, comandante da primeira unidade operacional do sistema.

O Exército israelense abriu no dia 24/4 a base aérea de Palmachim, local de testes do novo sistema e uma das mais protegidas, para mostrar, a um reduzido grupo de jornalistas, o

coração de um projeto que custou US\$ 3 bilhões e que mais se parece um jogo de videogame intergaláctico do que uma máquina de guerra.

Através de um posto de controle e comando sob toneladas de concreto à prova de bombardeios, o oficial, com a ajuda de somente quatro pessoas e de um supercomputador, pode detectar qualquer movimento entre o ponto mais distante do Oriente Médio e Israel e derrubá-lo sem tocar uma só tecla.

“Podemos detectar qualquer tipo de ameaça no ar, e decidir daqui se o interceptamos com um Hetz, se ativamos as baterias Patriot – míssil convencional –, no caso de uma ameaça de menor importância, ou

simplesmente se o deixamos passar, porque sabemos que cairá em área desabitada”, explica o militar, justificando as decisões e o preço de cada uma delas: US\$ 3,2 milhões.

O oficial ainda acrescenta que o sistema é automático e só precisa ser alimentado com informações táticas e dos serviços de inteligência. Somente em casos de emergência que o militar decide como proceder. Seus quatro “oficiais de tiro” são os encarregados de fazer o acompanhamento dos mísseis inimigos e adaptar o programa ou abortá-lo, segundo as decisões do comandante.

O sistema Hetz ganhou maior importância nos últimos meses devido às reiteradas ameaças do presidente

* Berel Wein é rabino, historiador, escritor, conferencista internacional e colaborador da Jewish World Review (JWR) [Revista do Mundo Judaico]. Possui uma seleção completa de CDs, fitas de áudio, fitas vídeo, DVDs e livros sobre história judaica (www.rabbiwein.com). O presente artigo está publicado no site da JWR (http://jewishworldreview.com/wein/wein_democracy.php3) desde o dia 5 de abril de 2006.

Israel tem o direito de defender seus cidadãos

Da Redação, baseado em texto de Edouard Ytzhak*

iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, de "riscar Israel do mapa", e pelo temor de que esse país possa se tornar uma potência nuclear.

Inspirado no programa "Guerra das Estrelas", promovido pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, o Hetz sobreviveu aos cortes orçamentários, paradoxalmente, graças à ajuda financeira dos EUA, interessados na tecnologia israelense.

O fator determinante foi a vulnerabilidade do país na Guerra do Golfo, quando 41 mísseis iraquianos caíram em Israel.

O que era um projeto meramente empresarial acabou se tornando na prioridade máxima do Ministério da Defesa israelense, que empregou centenas de cientistas e militares no "Projeto Homã" (Muro).

"Hoje, nossas principais ameaças vêm da Síria e do Irã, mas estamos preparados para dar uma resposta efetiva a qualquer míssil da região", assegura o major Blaier.

Blaier acompanhou os aspectos militares do projeto desde o início: "Nós não somos técnicos nem cientistas, mas respondemos às necessidades militares e à evolução militar da região, e por isso o projeto está em constante evolução".

O diferencial do Hetz, que atualmente possui duas bases de operação - uma em Palmachim, ao sul de Tel Aviv, e a segunda no norte de Israel -, se deve ao seu potente radar "Green Pine", capaz de detectar mísseis inimigos a centenas de quilômetros de distância, calcular suas trajetórias e definir os pontos de encontro para sua destruição.

Qualquer alteração na trajetória balística é registrada pelo radar e pelo computador, de modo que o Hetz, com sua velocidade Mach 7, se dirige rumo à ameaça inimiga e a explode fora da atmosfera, por impacto ou por aproximação, sem consequências para a população em terra.

"Um míssil do Irã demora 10 minutos para chegar a Israel, e sem o alerta de satélites americanos podemos detectá-los na metade do trajeto, o que nos dá uma margem de entre 4 e 5 minutos para tentar derrubá-lo", explica o tenente Cartier, número dois da operação.

Segundo os oficiais, este tempo é suficiente para alertar a população, se comparado com a guerra de 1991, quando os israelenses dispunham de apenas 30 a 50 segundos para buscar refúgio quando um míssil iraquiano era detectado.

O Exército de Israel realizou um ataque aéreo contra um veículo que circulava pelo sul da Faixa de Gaza dia 13 de junho de 2006, pouco antes das 11 da manhã. No carro estavam cinco terroristas da Jihad Islâmica que se dispunham a lançar foguetes Katyusha Grad, a partir do bairro de Az Zaitun, contra os assentamentos judeus próximos. No ataque também morreram dois menores, de sete e nove anos. Minutos mais tarde ouviu-se uma potente explosão na localidade de Jebaliya, próxima da cidade e Gaza. Fontes palestinas asseguraram que se tratou de outro ataque aéreo, mas o Exército israelense negou. Um chefe da Jihad islâmica, Jaled Al Batch disse que no veículo iam membros de seu grupo.

Os terroristas palestinos do Hamas dispararam contra Israel cerca de oitenta mísseis de fabricação caseira, desde o dia 9 de junho de 2006. Os mísseis Katyusha Grad têm maior alcance e precisão que os Kassam, que têm sido lançados contra Israel desde a desconexão em novembro de 2005 e até agora são mais de 600 Kassams atirados.

Os Katyusha Grad podem causar estrago maior, e matar mais gente, judeus e não judeus, dentro do território de Israel. Podem cair sobre escolas, hospitais, cinemas, etc., podem chegar ao centro da importante cidade de Ashkelon.

O ataque israelense contra o veículo dos terroristas da Jihad Islâmica carregado com foguetes Katyusha Grad foi criticado pelos herdeiros do stalinismo, e pela extrema direita. A extrema esquerda e setores da esquerda, herdeiros e nostálgicos da era do Gulag soviético precisam culpar Israel de tudo e, sobretudo, quando se defende.

Israel não só tem o direito, mas tem, além disso, a obrigação de defender seus cidadãos.

O veículo utilizado pelos terroristas do Jihad circulava pelo principal eixo que une o norte e o sul da Faixa de Gaza, carregado de explosivos. As organizações terroristas Jihad Islâmica, Al Fatah e o Hamas utilizam a própria população palestina como escudo humano.

São eles os responsáveis pela movimentação de mísseis entre sua população civil, e não são fogos de artifício, mas mísseis para matar e destruir seu inimigo; é normal que seu inimigo se defenda. (E isso não é criticado pela imprensa) Os palestinos recentemente

votaram e elegeram um governo do Hamas, que nega o direito à existência de Israel. Israel não apagou do mapa nem o Hamas nem os palestinos. E ninguém - em Israel - pediu a destruição da população árabe palestina. Se os palestinos tivessem mais poder que Israel, eliminariam Israel.

A Autoridade Palestina declarou sempre a guerra contra Israel, em nome de uma falsa identidade, de uma falsa história, etc., ou o que seja, mas sempre procurou a guerra. É de inteligência normal pensar que Israel se defenderá.

O governo do Hamas, fiel à sua carta ideológica recusa reconhecer Israel, iniciar um diálogo político e renunciar ao terror.

Mahmud al-Zahar, ministro de Assuntos Exteriores da Palestina, manifestou à agência oficial iraniana Irna, em 13 de junho de 2006, ao final de sua visita oficial ao Irã numa entrevista à imprensa que deu antes embarcar no avião, no aeroporto de Mehrabad, Teerã: "Nossa política consiste em nos defender. Respondemos de forma recíproca toda agressão de parte do regime sionista". E acrescentou: "Uma das dimensões que contempla esta autodefesa é causar danos à parte contrária". Al-Zahar mentiu cinicamente ao definir o lançamento de seus Kassams e mártires "islamokazes" contra Israel como "autodefesa". Esses disparos e agressões são atos terroristas.

Os terroristas se refugiam constantemente em aglomerações de civis, utilizando-os como escudos humanos.

Israel nunca apontou, jamais, voluntariamente, para a população palestina, mas os lançadores palestinos de mísseis escolhem disparar a partir de áreas povoadas. O problema é que a parte palestina não está disposta a nenhuma negociação; quer só aniquilar a contraparte - Israel. O Hamas rechaça uma solução de dois estados, preconizada pela comunidade internacional e aceita por Israel.

E para os dirigentes islamistas, como o secretário geral do Hezbollah, xeque Nasrallah comentou na TV Al-Manar: "A debilidade da entidade sionista é sua forte adesão a este mundo... nossa força é a vontade de sacrificar nosso sangue e nossos filhos... Eles sairão da terra".

"Outra debilidade é que ambos como indivíduos e como coletividade, são descritos por Alá como 'o povo

que se preocupa mais com sua vida'. Sua forte adesão a este mundo, com todas suas vaidades e prazeres, constitui uma debilidade".

"Em contraste, nosso povo e a vontade de nossa nação de sacrificar seu sangue, suas almas, seus filhos, seus pais, e suas famílias pela causa da honra, a vida, e a felicidade da nação, sempre foi uma das fortalezas de nossa nação".

Os dirigentes palestinos pensam assim e assim atuam.

Como qualquer nação Israel tem não só o dever, mas a obrigação de defender seus cidadãos.

Enquanto a população israelense for alvo dos terroristas, Israel não poderá fazer outra coisa a não ser defender seus cidadãos.

É normal que Israel lamente a morte de civis palestinos devido ao ataque contra o veículo da Jihad Islâmica que se preparava para alvejar a cidade israelense de Ashkelon, mas a obrigação de Israel é proteger sua própria população.

A população palestina não critica a utilização a que está submetida por seus próprios dirigentes, sendo empregada como escudos humanos.

Em geral, a imprensa européia de esquerda e em particular a da extrema esquerda tampouco critica isso. Não faz falta nem comentar seu equivalente, a da extrema direita e nazista. Como diz o antigo refrão: "Muito a Leste está o Oeste".

Se realmente a esta imprensa interessasse a vida dos palestinos, criticaria com contundência a manipulação que os dirigentes palestinos submetem sua própria população, na cultura do martírio e do negativismo, de como são utilizados como carne de canhão e como escudos humanos.

Só lhes interessa poder manipular a informação e criticar Israel em tudo e para tudo.

O anti-semitismo europeu não morreu em Auschwitz.

Até que as elites e governantes palestinos não mudem, até que deixem de odiar mais os seus inimigos e que amem os seus filhos, não se poderá pensar na procura da paz.

Enquanto isso a Israel toca defender os seus cidadãos desses terroristas. Israel teria que adotar o lema de que ao inimigo não se convence, se vence.

* Elias L. Benarroch é repórter da agência de notícias espanhola EFE em Israel.

Os novos judeus africanos

Tzadok Yejezkeli *

Mais e mais tribos do continente africano, declaram: "Somos judeus". Os lamba na África do Sul, os ibo da Nigéria, os tutsi do Burundi dizem que são judeus. Eles seguem as prescrições da religião judaica e novas



Cada vez mais tribos africanas, como os ibo, os lamba e os tutsi afirmam ser descendentes do povo judeu

sinagogas de palha e barro, aparecem em muitos povoados africanos.

O Estado de Israel os desconhece, mas dos Estados Unidos já foi enviado um Juizado Especial para convertê-los ao judaísmo. O chefe da comunidade judaica de Uganda, viajou a Jerusalém para estudar e receber o título de rabino.

Israel teme uma invasão africana que possa inundar o país. A África está passando por um processo de aproximação do judaísmo e em di-

versos lugares do Continente, tribos descobrem suas raízes judaicas. O fenômeno não é novo, mas a novidade está na quantidade, não se fala em comunidades de algumas centenas, porém tribos de dezenas de milhões!

A tribo lamba da África do Sul e do Zimbábue, tem uma população de 10 milhões de pessoas e se só uma pequena parte deles declarasse que são de origem judaica, seria uma grande quantidade de pessoas. Zeller, que pertence a uma instituição judaica americana que dá apoio à tribo lamba e que criou fundos de ajuda para as instituições culturais e fortalecem o contato com o judaísmo, sustentam que neste momento se fala "só" de 100.000 pessoas.

A tribo ibo, da Nigéria, tem uma população de 40 milhões de pessoas e a quarta parte deles crê que são de origem judia. Nos últimos anos, criaram-se dez novas sinagogas na Nigéria.

Na tribo lamba, circuncidam os filhos varões que nascem no oitavo dia e não comem carne de porco. Também na tribo Ibo, circuncidam os filhos varões no oitavo dia de nascimento.

Os membros da organização judaica americana "Kulanu", dizem: "Se há alguém que tem um contato sagrado com o judaísmo, não devemos discutir com ele, mais ainda se se comportam como judeus. Aos nossos olhos, eles são judeus". Muitos judeus americanos se emocionam ao ouvir falar destes judeus extra- viados e estão dispostos a ajudá-los.

Yoav Yundav (os dois nomes são hebreus) é uma figura carismática, enérgica e ambiciosa de Uganda. Tem 23 filhos, "mas só dez são meus", diz "e os outros treze são adotados e a maioria deles não são judeus".

Sara, que tem dez anos e é a menor de seus filhos adotados, espera ser recebida pela coletividade judaica, como membro dela. Mas isto não é tão seguro, pois a coletividade cria problemas para receber novos membros.

Sara deverá demonstrar sua adesão ao judaísmo e terá que cumprir todas as prescrições da religião, leves e também as difíceis.

Abraham Mugamba se recorda dos anos difíceis. "Judeu", gritavam zombando dele. Quando era menino, seus vizinhos maometanos lhe diziam: "Vocês mataram Jesus Cristo". Na época do governo de Idi Amin Dada (1972-1979), eles se viram obrigados a rezar às escondidas, as sinagogas foram fechadas e muitos judeus foram aprisionados. Como resultado dessas medidas, a comunidade judaica se encolheu, de milhares a algumas centenas. Seu pai lhe dizia: "Ainda que te matem, não debes deixar o judaísmo. Nós continuaremos sendo judeus, mesmo que isto nos custe a vida".

Samy Kakongulo, lutador e líder, adotou junto com sua comunidade



Em Israel atualmente vivem ao redor de 105 mil judeus de origem etíope

os costumes judeus depois de ler a Bíblia. A coletividade cuidava da Santificação do sábado, o abate dos animais, a circuncisão, a proibição dos casamentos mistos e adotaram o calendário hebreu.

Coletividades judaicas no continente africano

Etiópia	17.000
Quênia	4.000
Uganda	600
Nigéria (alguns milhares)	
Gana	(25 famílias)
Zimbábue	(8.000)
África do Sul	(70.000)

* Tzadok Yejezkeli escreveu este texto para o jornal israelense Yedioth Ajronoth, que o publicou em 12/10/2005. O presente artigo é composto de parágrafos selecionados.

CARTÃO SAFRA VISA

O cartão de crédito* que dá milhagens e o prestígio do Banco Safra.



Banco Safra
Tradição Secular de Segurança

*Emissão de cartões sujeita a solicitação, análise e aprovação de crédito. Milhagens nos termos do Regulamento disponível na CENTRAL DE ATENDIMENTO SAFRA: Grande São Paulo 11 3253 4455 - Demais Localidades 0800 15 1234.